

**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO**

**SHIRLEY MARIA DA MOTA FIGUEIREDO CORREA**

**A PRESENÇA DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA  
IGREJA CRISTÃ ANTIGA NOS PRIMEIROS QUATRO SÉCULOS: SUAS  
INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES**

**SÃO PAULO  
2025**

SHIRLEY MARIA DA MOTA FIGUEIREDO CORREA

**A PRESENÇA DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA  
IGREJA CRISTÃ ANTIGA NOS PRIMEIROS QUATRO SÉCULOS: SUAS  
INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP).

Professor orientador: Emmanuel Roberto Leal de Athayde.

SÃO PAULO  
2025

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Shirley Maria da Mota Figueiredo Correa

**A presença das mulheres na construção e desenvolvimento da igreja cristã antiga nos primeiros quatro séculos: suas influências e contribuições**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Emmanuel Roberto Leal de Athayde – Orientador

---

Profa. Dra. Liliane Barros Oliveira Delorenzi - Leitor

SÃO PAULO  
2025

Correa, Shirley M. da Mota Figueiredo

A presença das mulheres na construção e desenvolvimento da igreja cristã antiga nos primeiros quatro séculos: suas influências e contribuições. /

Shirley M. da Mota F. Correa. – São Paulo: 2025.

67 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel R. Leal de Athayde

1. Cristianismo primitivo. 2. Mulheres na Igreja. 3. Martírio cristão. 4. Liderança feminina 5. História da Igreja. I. Título. II. Athayde, Emmanuel R. Leal de

CDD 220.83054

## DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo ao Senhor, o Deus de Israel e de todo aquele que nele crê. À Jesus Cristo, que cumpriu a justiça de Deus, comprando para o Pai celestial homens e mulheres, povos de todas as tribos, línguas e nações. À todas as mulheres, criadas a imagem e semelhança de Deus, chamadas de filhas por intermédio da aliança de sangue concedida em Cristo Jesus. À Ele, meu Resgatador, que cuida de mim, toda honra e glória, para sempre. Amém.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao SENHOR, pelo sustento e companhia ao longo dos quatro anos de formação teológica, me capacitando, demonstrando bondade e guiando em todo o caminho.

Agradeço a minha avó Maria, em memória, foi instrumento de Deus em minha vida, por não ter desistido de mim, pelo seu amor, coragem e fé.

Agradeço a minha família. Meu esposo Sérgio, meus filhos, Davi e Talita, pela paciência, apoio, encorajamento e suporte em todos os momentos.

Agradeço ao pastor Públio Azevedo, pelo apoio, incentivo e orações.

Agradeço ao professor Dr. Emmanuel Athayde, por ter aceitado ser meu orientador e por todas as críticas e sugestões de melhoria, que foram preciosas para a elaboração deste estudo.

Agradeço aos meus colegas de turma, em especial ao clube dos cinco, Alex Viriato, Érick Douglas, Matheus Souza e Ana Miguez, que tornaram a caminhada acadêmica mais leve e divertida, me enriqueceram com suas amizades e contribuíram para minha formação intelectual.

*“Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos vós que em Cristo fostes batizados vos revestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus”*

Gálatas 3.26-28 (Almeida Século 21)

## RESUMO

Este trabalho investiga a participação feminina na construção e desenvolvimento da igreja cristã antiga nos primeiros séculos do cristianismo, analisando sua atuação nas comunidades primitivas, sua contribuição para a expansão do Evangelho e seu papel social, espiritual e organizacional na Igreja nascente. A pesquisa examina fontes bíblicas, documentos históricos e estudos contemporâneos que registram a presença ativa de mulheres como discípulas, evangelizadoras, líderes de igrejas domésticas, diaconisas e mártires. Destacam-se figuras como Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, Joana, Suzana, Lídia, Priscila, Febe, Junia, Blandina, Perpétua e Felicidade, cujo testemunho influenciou profundamente a consolidação da fé cristã. Apesar de posteriormente restringidas pelas estruturas patriarcais que se fortaleceram após a oficialização do cristianismo pelo Império Romano, as mulheres desempenharam funções essenciais para a manutenção e desenvolvimento da Igreja. O estudo evidencia que o legado feminino, embora frequentemente invisibilizado pelo tradicionalismo, constitui elemento fundamental para compreender a dinâmica e a vitalidade da Igreja dos primeiros séculos.

**Palavras-chave:** Cristianismo primitivo; mulheres na Igreja; martírio cristão; liderança feminina; história da Igreja.

## ABSTRACT

This study investigates the participation of women in the construction and development of the early Christian Church during the first centuries of Christianity, analyzing their roles in the primitive communities, their contribution to the spread of the Gospel, and their social, spiritual, and organizational functions within the emerging Church. The research examines biblical sources, historical documents, and contemporary studies that highlight the active presence of women as disciples, evangelizers, leaders of house churches, deaconesses, and martyrs. Figures such as Mary, the mother of Jesus, Mary Magdalene, Joanna, Susanna, Lydia, Priscilla, Phoebe, Junia, Blandina, Perpetua, and Felicity played a decisive role in the consolidation of the Christian faith. Although later restricted by the patriarchal structures that strengthened after the officialization of Christianity by the Roman Empire, women fulfilled essential functions for the preservation and development of the Church. This study shows that the female legacy, often rendered invisible by tradition, is fundamental for understanding the dynamics and vitality of the Church in its earliest centuries.

**Key-words:** Early Christianity; women in the Church; Christian martyrdom; female leadership; Church history.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO.....   | 11 |
| 2. UM BREVE PANORAMA DO IMPÉRIO ROMANO NO INÍCIO DO CRISTIANISMO.....  | 15 |
| 2.1. INÍCIO DA IGREJA CRISTÃ.....  | 19 |
| 2.1.1. As primeiras comunidades cristãs .....  | 29 |
| 3. O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE E NA FAMÍLIA NOS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO .....                           | 32 |
| 3.1. A PRESENÇA FEMININA NO TRABALHO E NA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ANTIGA.....  | 36 |
| 3.1.1. A liderança feminina presente no início da igreja .....   | 39 |
| 4. A PRESENÇA DAS MULHERES NOS MARTÍRIOS: SUA CONTRIBUIÇÃO COM A EXPANSÃO DO EVANGELHO E CRESCIMENTO DA IGREJA ..... | 44 |
| 4.1. PERPÉTUA E FELICIDADE - EXEMPLOS DE FÉ E TESTEMUNHO.....  | 47 |
| 4.1.1. O legado feminino dos primeiros séculos: seu reconhecimento na história da vida da igreja.....                | 51 |
| 4.1.2. Mulher: uma presença vital na igreja de ontem e hoje.....   | 57 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 63 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....   | 65 |

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo abordar a presença e a participação das mulheres na Igreja antiga nascente até o quarto século, suas contribuições e a influência que exerceram, mesmo diante de contextos desiguais, num regime patriarcal sob a influência da cultura greco-romana. A pesquisa mostrará que a história do cristianismo primitivo revela um cenário de intensas transformações sociais, culturais e religiosas, marcado pela expansão da fé cristã em meio a perseguições, desafios teológicos e mudanças estruturais profundas. Nesse contexto, a presença feminina desempenhou um papel fundamental, ainda que por longo tempo tenha sido reduzida ou invisibilizada na narrativa histórica oficial da igreja. Desde o ministério de Jesus, passando pela atuação das primeiras comunidades cristãs, até os períodos de perseguição e consolidação da Igreja, as mulheres exerceram funções essenciais na propagação do Evangelho de Cristo, na manutenção das comunidades domésticas de fé, lideradas por muitas delas em suas casas, no exercício da diaconia, do evangelismo missionário e até mesmo no testemunho extremo do martírio.

Os problemas que esta pesquisa busca responder decorrem da invisibilização histórica, teológica e institucional da participação feminina no desenvolvimento do cristianismo ao longo da história da igreja. O que motiva este estudo é a constatação de que, embora a atuação das mulheres sempre tenha sido intrínseca e ativa desde o ministério terreno de Jesus, essa participação é pouco citada, valorizada ou reconhecida nos relatos históricos e teológicos tradicionais, e ainda nos dias atuais persistem as controvérsias sobre a liderança e atuação ministerial feminina nas igrejas. Sendo assim, teremos como propósito compreender sobre a legítima participação da mulher na construção e desenvolvimento da igreja cristã nos primeiros séculos, suas influências, assim como suas contribuições para o cristianismo nascente e o seu reconhecimento ao longo da história da igreja. Diante disso, algumas questões nortearão o desenvolvimento do trabalho, tais como:

Na igreja nascente, pós Pentecostes, as mulheres contribuíram na organização e na expansão do cristianismo?

As mulheres exerceram liderança nas comunidades cristãs no início da construção da igreja?

A institucionalização oficial da igreja cristã trouxe benefícios com concessões positivas para a inclusão feminina nos ministérios eclesiais?

As mulheres estão na galeria dos mártires cristãos? Se estão porque são pouco lembradas?

Pois, personagens como Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, Joana, Suzana, Lídia, Priscila, Febe, Junia, Blandina, Perpétua, Felicidade, e tantas outras, ilustram a força, a perseverança e a diversidade da atuação feminina, demonstrando que a construção da fé cristã se deu por meio de uma liderança compartilhada e de uma vivência espiritual marcada pela coragem, fidelidade, fé e serviço.

Uma possível resposta às questões propostas acima é que, no Novo Testamento, a começar pelos evangelhos, no livro de Atos, às cartas paulinas e documentos da igreja antiga, bem como estudos contemporâneos, evidenciam que as mulheres não foram agentes secundárias, mas protagonistas na edificação da Igreja nascente.

Entretanto, com a institucionalização do cristianismo a partir do século IV, especialmente após o Édito de Milão e a ascensão das estruturas eclesiásticas hierárquicas, a visibilidade e o espaço institucional das mulheres foram sendo progressivamente limitados. Ainda assim, seu legado permanece como fundamento histórico e teológico indispensável para a compreensão da formação e expansão da fé cristã.

Inicialmente, a inspiração que propulsionou esta pesquisa surgiu através do contato com mulheres brilhantes, desbravadoras, verdadeiras guerreiras na fé cristã, que fizeram parte da minha vida pessoal e carreira cristã. Posteriormente, esse desejo foi encorajado diante de literaturas e aulas ministradas por meus professores no seminário teológico.

Portanto, a perspectiva do tema em questão é conduzir à pesquisa numa análise reflexiva e crítica sobre o ambiente, tratamento e reconhecimento da mulher cristã na construção e desenvolvimento da igreja nascente, que muito contribuiu para que o Evangelho chegasse até nós, cristãos, nos dias atuais; com a esperança de despertar o interesse do público cristão e pesquisadores da história sobre a legitimidade do chamado feminino e sua contribuição no desenvolvimento e crescimento da igreja primitiva. Olhando para o passado, podemos refletir sobre a história, identificar os erros e proporcionar uma atitude convergente no ambiente contemporâneo; assim extirpamos as negligências proporcionadas pelo pensamento austero da religiosidade.

Quanto ao referencial teórico, o primeiro capítulo tratará sobre: um breve panorama do império romano no início do cristianismo; o início da igreja cristã; as primeiras comunidades cristãs. Para a elaboração deste capítulo, teremos as seguintes obras que compõem as referências bibliográficas: CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã* / tradução Israel Belo de Azevedo, Waldemar Kroker. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008; e ALMEIDA, Rute Salviano. *Vozes femininas no início do cristianismo: Império Romano, igreja cristã, perseguição e papel feminino*. Viçosa: Ultimato, 2021.

Referente ao segundo capítulo, tratará sobre: o papel da mulher na sociedade e na família nos primeiros séculos do cristianismo; a presença feminina no trabalho e na organização da igreja antiga; a liderança feminina presente no início da igreja. Para a elaboração deste capítulo, teremos as seguintes obras que compõem as referências bibliográficas: ALMEIDA, Rute Salviano. *Vozes femininas no início do cristianismo: Império Romano, igreja cristã, perseguição e papel feminino*. Viçosa: Ultimato, 2021; e MEYER, Lídice. *Cristianismo no feminino: a presença da mulher na vida da igreja*. 1ª. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2025.

No terceiro capítulo, será abordado sobre: a presença das mulheres nos martírios: sua contribuição com a expansão do evangelho e crescimento da igreja; Perpétua e Felicidade - exemplos de fé e testemunho; o legado feminino dos primeiros séculos: seu reconhecimento na história da vida da igreja cristã; mulher: uma presença vital na igreja de ontem e hoje. Serão utilizadas as seguintes literaturas: ALMEIDA, Rute Salviano. *Mártires cristãs: mulheres que deram a vida por amor a Jesus*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022; AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. *Madres da igreja: o testemunho das cristãs primitivas / tradução Barbara Theoto Lambert*. São Paulo: Edições Loyola, 2018; e MEYER, Lídice. *Cristianismo no feminino: a presença da mulher na vida da igreja*. 1ª. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2025.

Acerca da estrutura do trabalho, o primeiro capítulo - ***Um Breve Panorama do Império Romano no Início do Cristianismo*** – tratará do contexto histórico do mundo antigo, especialmente o período de domínio e expansão do Império Romano, o qual foi o agente para o preparo do nascimento do cristianismo. Retrata também o início da Igreja cristã, sua organização e desenvolvimento, assim como seus desafios num ambiente influenciado pela cultura greco-romana.

O segundo capítulo - ***O Papel da Mulher na Sociedade e na Família nos Primeiros Séculos do Cristianismo*** – discorre sobre a realidade da vida da mulher e seu papel numa sociedade predominantemente patriarcal greco-romana e judaica, na qual a mulher era tratada como um ser inferior, como um utensílio doméstico e desprezível, subjugada ao domínio masculino, na figura do pai, esposo, irmão ou filho. Nesse ambiente de cultura patriarcal opressora, a mulher se destaca no trabalho, na organização e na liderança das comunidades cristãs, especialmente nas chamadas igrejas domésticas.

O terceiro capítulo - ***A Presença das Mulheres nos Martírios: sua contribuição com a expansão do Evangelho e crescimento da igreja*** – abordará sobre a participação das mulheres nos martírios sob as perseguições impostas pelo Império Romano; fica evidenciado o exemplo de coragem, força, determinação e acima de tudo a fé que mulheres como Blandina, Perpétua e

Felicidade e tantas outras deixaram como legado na história da construção da Igreja cristã. O sangue dessas mártires, também foi semente fértil na propagação do Evangelho de Cristo, contribuindo para o crescimento da Igreja. Assim como na igreja antiga, as mulheres continuam sendo ativas no serviço do Reino de Deus e vitais na vida da igreja.

O método adotado será o bibliográfico, que se fundamenta na análise e interpretação de obras literárias e artigos acadêmicos, visando proporcionar uma base teórica consistente, permitindo assim, uma compreensão satisfatória dos conceitos e discussões que envolvem o tema em questão.

Este trabalho dedica-se, portanto, a analisar a presença e a contribuição das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, destacando sua participação nas comunidades primitivas, seu papel social e religioso, bem como sua influência na construção da identidade cristã. Busca-se, assim, resgatar e valorizar uma memória que, apesar de essencial, foi frequentemente silenciada ao longo dos séculos.

## 2. UM BREVE PANORAMA DO IMPÉRIO ROMANO NO INÍCIO DO CRISTIANISMO

O início do cristianismo ocorreu no século I d.C, em um ambiente controlado pelo Império romano, num tempo conhecido como a idade de ouro da história romana. No período anterior, Júlio César até 44 a.C expandiu o domínio romano conquistando a extremidade oriental da bacia do Mediterrâneo, assim como outras regiões do mundo; como diz Kostenberger (2022, p. 128), os séculos II e I a.C. assistiram aos romanos assumirem a supremacia mundial.

Sob o governo de Caio Júlio César Otaviano (31 a.C. – 14 d.C.), sobrinho-neto de Júlio César, que se tornou o primeiro Imperador de Roma e carregou o título de César<sup>1</sup> Augusto, que significa imperador divino, o Império de Roma estava em sua fase de glória; expandida territorialmente e desfrutando de estabilidade, conhecida como a Pax Romana <sup>2</sup>(paz romana) (Kostenberger, 2022, p. 128). Segundo Cairns (2008, p. 32), com o aumento do poder imperial romano no período da expansão imperial, houve uma era de desenvolvimento pacífico nos países ao redor do Mediterrâneo e Oriente Próximo, incluindo a Palestina, região onde Jesus viveu. Foi sob o governo de César Augusto que houve o decreto para que o mundo inteiro fosse recenseado, saindo José e Maria de Nazaré, região da Galileia, para alistar-se em Belém, na Judéia, pois José era da linhagem de Davi, onde Jesus nasceu (Lc 2.1-7) (Gundry, 2008, p.39).

É necessário relatar que, os Romanos também contribuíram para a preparação religiosa da vinda de Cristo, desenvolveram um senso de unidade da humanidade sob uma lei universal, criando um ambiente favorável à aceitação do evangelho, o qual proclamava a unidade da humanidade. A lei romana enfatizava a dignidade do indivíduo e seu direito à justiça e à cidadania romana e era tendenciosa a agrupar homens de raças diferentes numa só organização política. Conforme diz Cairns (2008, p. 32), antecipou um Evangelho que proclama a unidade da espécie humana. Além disso, os romanos criaram um sistema de estradas excelente que

---

<sup>1</sup> O nome César, originalmente, era um sobrenome da família de Júlio César, um grande líder militar e político romano que lutava em favor da expansão do domínio romano. Após seu assassinato em 44 a.C., seu sobrinho-neto Caio Otávio assumiu sua liderança, sendo rebatizado com o nome Caio Júlio César Otaviano, tornando-se o primeiro Imperador de Roma sob o título de César Augusto, que significa Imperador divino (Almeida, 2021, p. 20).

O nome *César* tornou-se o título para todos os imperadores romanos (Kostenberger, 2022, p. 128).

<sup>2</sup> A *Pax Romana* foi um período da história romana marcado por uma aparente paz e prosperidade; foi chamada de “Era de Ouro”, sob o governo do Imperador César Augusto (31 a.C a 14 d.C.), numa época de transição do período republicano para o período imperial, caracterizado pelo regime da lei romana que proporcionou estabilidade e autoridade de Roma sobre suas províncias. A “paz romana” (*Pax Romana*), propiciou para a construção de estradas, expansão, unificação do Império e prosperidade (Kostenberger, 2022, p. 128).

levavam aos pontos mais distantes, favorecendo a unificação do império. As estradas romanas e as cidades estrategicamente localizadas às margens dessas estradas foram cruciais na concretização do trabalho missionário do cristianismo e propagação do evangelho. Os soldados romanos tinham o controle e a “paz” nas estradas nas regiões da Ásia, África e Europa, e nesse contexto relativamente pacífico tornou mais acessível para os primeiros cristãos se locomoverem de um lugar para outro pregando o evangelho. Muitos soldados provincianos foram alcançados pelo evangelho e converteram-se, favorecendo para a propagação do evangelho em outras regiões as quais eram designados (Cairns, 2008, p. 33).

Contudo, havia um grande desafio para o governo romano, pois com a grande expansão, seria necessária uma administração coesa e eficiente. Como diz Almeida (2021, p. 22): “o grande desafio de Augusto não foi a expansão do Império e, sim a sua administração”. Porém, a habilidade para governar, estabelecendo uma sociedade hierárquica e, um sistema provincial de governo para administração dos territórios conquistados e a preservação da cultura local, levou o Império Romano ao seu apogeu.

Foram criados dois tipos de províncias: 1. Senatoriais: procônsules, nomeados pelo senado romano, governavam nas províncias num mandato de um ano e prestavam contas ao Senado. Ao lado do procônsul havia um procurador, nomeado pelo Imperador, este geralmente se ocupava das questões financeiras. 2. Imperiais: propretors eram nomeados pelo Imperador e governavam as províncias, eles prestavam contas a ele. Exerciam autoridade civil e militar através de exércitos permanentes nas regiões controladas (Gundry, 2008, p.38).

No ambiente romano existia grande diversidade cultural e religiosa: crenças tradicionais<sup>3</sup>, culto aos deuses romanos<sup>4</sup>, sincretismo religioso e o culto ao Imperador<sup>5</sup>; devido à diversidade das divindades gregas, latinas, asiáticas, celtas, egípcias etc. Na medida que conquistavam novos territórios os romanos entravam em contato com novos povos e sua crença religiosa se ampliava, proporcionando uma espécie de “intercâmbio” religioso. Os deuses de

---

<sup>3</sup> Religiões tradicionais romana, originárias dos primeiros habitantes de Roma. Uma delas era conhecida como religião agrária, tratava-se de cultuar as forças misteriosas que assegurava a fecundidade dos solos e dos rebanhos, criam que os espíritos habitavam e controlavam toda a natureza (Comby, 1988, p. 8).

<sup>4</sup> Conforme os romanos tinham contato com outros povos, com a expansão do império, suas crenças religiosas ampliavam com a inclusão de novos deuses. Havia a tríade formada por Júpiter, Juno e Minerva a qual se juntavam Afrodite, Mercúrio, Netuno, Apolo, Esculápio, provenientes da Etrúria ou Grécia; deuses latinos como Vesta e Diana (Almeida, 2021, p. 34).

<sup>5</sup> O culto do soberano era tradição oriental. Na antiguidade muitos reis, chefes vitoriosos, libertadores dos povos e salvadores da cidade foram cultuados. No caso do Império Romano, o culto imperial representava um gesto de lealdade política e o Imperador era uma divindade (Comby, 1988, p. 17).

Roma foram relativamente adotados em toda parte e estabeleceram equivalências entre os deuses romanos, os deuses gregos e os das outras civilizações (Comby, 1988, p. 8).

Também é conveniente ressaltar que as conquistas romanas levaram muitos povos a desacreditarem em seus deuses, perdendo a fé, uma vez que eles não os livraram ou protegeram dos romanos. Diz Cairns (2008, p. 33): “com isso, num vácuo espiritual; não satisfeitos com as religiões oferecidas como o culto ao imperador romano, adoração a deuses (as) e várias religiões de mistério, muitos foram guiados pelo Espírito Santo ao cristianismo”.

César Augusto também restaurou algumas instituições tradicionais, com a instauração do regime imperial, como a religião romana, originada dos agricultores, primeiros habitantes de Roma; eles criam que os espíritos habitavam e controlavam toda a natureza. Essa religião tornou-se conhecida como paganismo, devido ao termo que denominavam aos camponeses de *paganus* – aquele que morava no *pagus*, no campo – mantendo-se viva por muito tempo e influenciando o cristianismo com os seus elementos e o folclore (Almeida, 2021, p. 32). Além das adorações aos deuses nos ritos estatais também havia os cultos domésticos, nos quais famílias se reuniam todos os dias. Nesse projeto de instauração imperial foram construídos vários templos e santuários como locais de adoração; com a evolução da religião romana, o Imperador tornou-se um chefe espiritual, e os oficiais do Estado sacerdotes.

Roma, a capital do império, tornou-se uma das metrópoles mais ricas e poderosas do mundo antigo, com exuberantes construções em mármore, fóruns, templos, palácios, anfiteatros, termas, arcos triunfais e o Coliseu, arena onde muitos cristãos perderam a vida.

Em 14 depois de Cristo, após cinco décadas no poder, morre o Imperador Augusto; porém, já havia se difundido a cultura e a língua latina, que permanecem ainda hoje na cultura europeia, pois Roma havia se transformado em um Império e mantinha os planos de ação que determinariam sua história nos próximos séculos.

Tibério (14-37 d.C.), sucessor de Augusto, era um homem supersticioso, consultava astrólogos e acreditava em horóscopos, levando o povo romano às superstições e, por causa delas: faziam orações, penitências, sacrifícios, jejuns, ofertas de incensos em frente dos altares e das imagens de seus deuses. Com uma religião politizada, surge uma religiosidade influenciada pelos cultos orientais, numa filosofia sincretista, repleta de adivinhações e superstições, não mais considerada apenas um pensamento, mas um modo de vida. A filosofia grega influente não era mais a de Sócrates, Platão e Aristóteles, mas uma versão de caráter mais prático e popular (Almeida, 2021, p. 37).

A sociedade romana além de altamente povoada, tornou-se imoral e corrupta, na qual a prostituição, homossexualidade, abortos, infanticídios e o divórcio passam a fazer parte do seu

cotidiano. Vivia-se uma era de insatisfação e diversas reflexões surgiram propondo uma arte de viver, influenciados pelos epicureus<sup>6</sup>, cujo objetivo principal do homem era a conquista da felicidade na terra. Como diz Comby (1988, p. 36), os caminhos eram muitos, mas o fim, o mesmo: permitir ao homem chegar à felicidade. Diferente dos estoicos<sup>7</sup>, que defendiam o uso da razão para conquistar o supremo bem, que entendiam que a felicidade consistia na submissão voluntária as leis da natureza e a virtude, único bem do homem, alcançada através do desprezo dos prazeres humanos e a paz de espírito obtida com uma vida plena de virtude.

Nesse contexto de dissolução dos bons costumes, de decadência moral e de pobreza espiritual no ambiente romano, que surge o cristianismo, apresentando uma fé que também é uma arte de viver e caminho à felicidade; propondo ao império romano novos ideais, diferente padrão de vida e uma moral cristã muito mais excelente.

Foi no reinado de Tibério que Jesus realizou seu ministério público e foi morto, tendo como governador romano na Palestina Pôncio Pilatos. Em Roma, Tibério foi sucedido por uma sequência de Imperadores que ficaram conhecidos por suas crueldades e imoralidades. Para fecharmos este tópico do capítulo, deixarei a lista dos imperadores romanos do primeiro século com base em Gundry (2008, p.39) e Kostenberger (2022, p. 128,129).

| <b>Imperador</b>           | <b>Fatos históricos</b>   |
|----------------------------|---|
| Augusto (31 a.C – 14 d.C.) | Decreto de recenseamento, nascimento de Jesus e culto ao Imperador.   |
| Tibério (14-37 d.C)        | Jesus realizou seu ministério público e foi morto.  |
| Calígula (37-41 d.C)       | Exigiu que lhe prestassem culto e ordenou que sua estátua fosse colocada no templo de Jerusalém (faleceu antes que sua ordem fosse cumprida). |
| Cláudio (41-54 d.C)        | Expulsou os residentes judeus de Roma, dentre eles Áquila e Priscila (At 18.2), alegando desordem civil.                                      |

<sup>6</sup> Epicuro foi um filósofo grego que defendia a felicidade como o bem supremo para uma vida tranquila, enquanto a dor era o mal supremo. Para ele, só se teria uma vida feliz e tranquila através da busca pelo prazer e da ausência de dor. Seus seguidores abarcavam suas principais ideias de: alcançar a felicidade através da busca por prazeres simples como a amizade e o conhecimento; os deuses não se importavam com os assuntos humanos, sendo assim deveríamos eliminar o medo da morte e dos deuses para alcançar a felicidade; o estado de maior felicidade estava na ausência de dor e angústia mental; tudo no universo é composto por átomos, inclusive a alma; o envolvimento com a política era desencorajada, pois ela traria perturbação ao espírito (Meeks, 1996, p. 50).

<sup>7</sup> Os *estóicos* foram filósofos da antiguidade que desenvolveram um pensamento focado na virtude e na razão, acreditavam que a verdadeira felicidade é constituída através da harmonia com a natureza. A figura chave no revivescimento da filosofia estoica foi Musônio Rufo no século I d. C. Acreditavam que o universo é regido pela razão e viver de acordo com ela é o caminho para uma vida cheia de virtudes e feliz; o único bem verdadeiro é a virtude, e ela é a fonte da felicidade e deve ser buscada como objetivo central da vida (Meeks, 1996, p. 40).

|                        |   |
|------------------------|---|
| Nero (54-68 d.C)       | Perseguiu os cristãos, responsável pelo incêndio de Roma no ano de 64 e os martírios de Pedro e Paulo.  |
| Vespasiano (69-79 d.C) | Quando ainda era general romano, começou pressionar uma revolta dos judeus, retornou para Roma para se tornar imperador, deixando o encargo para seu filho Tito, cujo exército destruiu Jerusalém e seu templo em 70 d.C. |
| Tito (79-81 d.C)       | Pode ter sido o imperador no período em que foi escrito o livro de Apocalipse.  |
| Domiciano ((81-96 d.C) | Acredita-se que perseguiu a igreja e serviu de base para o livro de Apocalipse.   |

## 2.1. INÍCIO DA IGREJA CRISTÃ

A origem do cristianismo e da igreja cristã se deu a partir de Jesus e seus apóstolos. Jesus nasceu no período em que César Augusto era o Imperador de Roma e havia uma cultura uniforme, resultado do sistema administrativo do império romano. Como mencionado anteriormente, os romanos contribuíram para a preparação religiosa para a vinda de Cristo, desenvolvendo um senso de unidade da humanidade sob uma lei universal e assim possibilitou para um ambiente favorável à aceitação do evangelho. É importante destacar a influência do helenismo na cultura, na religião e na literatura espalhada em todo oriente; a língua grega passou a ser a língua da comunicação, sendo usada para escrever o Novo Testamento.

O apóstolo Paulo, em sua carta aos Gálatas, afirmou que Jesus veio na “plenitude dos tempos” (Gl 4.4). Cairns (2008, p. 31), completa: “Paulo adverte para a era histórica da preparação providencial que antecedeu a vinda do Messias à terra, em forma de homem”.

Para Kostenberger, a expressão “plenitude dos tempos” transmite a ideia de que Jesus veio “no momento certo”. Mas o que fez do tempo da vinda de Cristo o momento certo? Quatro fatores foram ideais para a vinda de Jesus: 1. A paz romana; 2. Estradas romanas; 3. A língua grega; 4. Expectativas messiânicas judaicas.

Primeiro, os 200 anos de paz (embora militarmente impostos) sem precedentes conhecidos como a *Pax Romana* proporcionaram o “momento certo” para o aparecimento de Jesus. Essa paz permitiu a propagação do evangelho cristão durante os dias da igreja primitiva subsequentes à sua crucificação.

Segundo, havia uma rede de estradas que os romanos haviam construído por todo o império. Na linguagem coloquial, “Todos os caminhos levam a Roma”, proporcionando viagens relativamente fáceis. Assim, pela providência de Deus, as estradas construídas pelos romanos abriram o caminho para a propagação do evangelho de Jesus Cristo de Jerusalém, para todos os caminhos, a Roma (cf. o livro de Atos, especialmente 1.8; 2.14-31).

Terceiro, as conquistas de Alexandre, o Grande, fizeram do grego a língua comercial em todo o Império Romano. O resultado foi um idioma comum que proporcionava um veículo universal para a propagação do evangelho. Na verdade, a língua tornou-se tão influente que o AT foi traduzido para o grego (a LXX) e o NT foi escrito em grego.

Quarto, as várias vertentes do judaísmo do primeiro século, cada uma à sua maneira, sustentavam uma vibrante, apesar de diversa, esperança por um Messias. Sem dúvida, muitos construíram essa esperança messiânica em termos nacionalistas e políticas. No entanto, quando Jesus veio afirmando ser o Messias, ele entrou em um mundo no qual muitos já estavam esperando tal figura. Desse modo, a partir da perspectiva da história da salvação. Jesus veio de fato “no momento certo” (Kostenberger, 2022, p. 131).

No século I d.C., na região da Judéia e Galileia, controlada pelo Império Romano, sob o governo de Tibério (14-37 d.C), surgiu a pregação de Jesus, chamado de nazareno, um judeu que anunciava o “Reino de Deus”, pregando amor, arrependimento, justiça e misericórdia; através dele vem a fé em Deus para a salvação do pecado (Jo 3.15-17). Durante seu ministério de três anos, segundo Cairns (2008, p. 31), Cristo deu provas de uma justiça exigida pela lei, a qual era um acréscimo à justiça intrínseca como Filho de Deus. A justiça extrínseca de Jesus o qualificou a morrer pela humanidade que jamais poderia merecer tal justiça e que precisava de um substituto justo para que seus pecados fossem perdoados por Deus. Embora o suplício da crucificação fosse a sua missão primária na terra, essa não era a essência da sua mensagem e nem foi considerada um fim em si mesmo; pois a mensagem primordial de Cristo era o ensino do Reino de Deus.

Ele reuniu discípulos, posteriormente conhecidos como apóstolos, que o seguiam e aprendiam com seus ensinamentos e exemplos que revelavam sua personalidade e caráter. Uma nova fé, fundamentada nas boas novas apregoadas por Jesus, propagou-se entre os judeus, chegando aos gentios e se espalhando por todo território sob o governo romano. De discípulos a irmãos, de irmãos a cristãos, de cristãos a mártires, de mártires a santos; a denominação dos seguidores do movimento embasado nos ensinamentos de Cristo mudava conforme crescia e eram perseguidos (Almeida, 2021, p. 48).

Jesus foi condenado e crucificado pelos romanos, por volta do ano 30 d.C., seus seguidores afirmaram que Ele ressuscitou, tornando esse evento um dos principais fundamentos da fé cristã.

Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar

até o dia em que foi elevado às alturas, depois de haver dado mandamentos por meio do Espírito Santo aos apóstolos que tinha escolhido.

Depois de ter padecido, Jesus se apresentou vivo a seus apóstolos, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas relacionadas com o Reino de Deus.

E, comendo com eles, deu-lhes esta ordem:

não se afastem de Jerusalém, mas esperem a promessa do Pai, a qual vocês ouviram de mim.

Porque João, na verdade, batizou com água, mas vocês serão batizados como Espírito Santo, dentro de poucos dias (Atos 1:1-5).

Pouco depois da ressurreição, segundo o livro de Atos 2, ocorreu o evento de Pentecostes, na cidade de Jerusalém, quando o Espírito Santo teria descido sobre os seus discípulos, juntamente com um pequeno grupo de pessoas, formado por aqueles que criam em Jesus Cristo como filho de Deus. A partir desse momento, os discípulos começaram a pregar publicamente, e muitos se converteram. Esse episódio é considerado o nascimento oficial da Igreja Cristã, inicialmente dentro do contexto judaico; assim como Jesus priorizou a proclamação do Reino de Deus aos judeus, essa também foi a ordem seguida pela igreja primitiva. O apóstolo Pedro proclamou o evangelho primeiro em Jerusalém e depois em outras cidades nas regiões da Judéia e Samaria, posteriormente em Antióquia, conforme descrito em Atos 12.

Cristo é a Pedra sobre a qual a Igreja foi fundada. Segundo Cairns (2008, p. 48), Cristo é mais o Fundamento do que o Fundador da Igreja; de acordo com ele, isso fica evidente pelo uso do tempo futuro que ele faz, relatado no evangelho de Mateus 16.18: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja”. Ele é o fundamento de toda esperança futura.

Cairns, também diz que nos Evangelhos de Lucas 1.1-4 e João 20.30-31 o cristianismo está revelado como uma religião histórica e não pode existir separada do Cristo histórico. Exemplo disso: nosso calendário, o início da igreja, o domingo como dia de descanso e as transformações ocorridas na vida dos seguidores de Cristo são comprovações históricas da existência de Cristo na história. Discorrendo sobre esse assunto, Marshall (2007, p. 38) nos fala: o Jesus histórico é relevante para a teologia do Novo Testamento em três níveis:

Primeiro, Jesus, mais do que de qualquer outro que se possa imaginar, é a figura histórica cuja obra e mensagem constituem a base da formação e da configuração da igreja. Desse modo, tanto quanto Paulo e João, e certamente muito mais do que quaisquer outras figuras hipotéticas ou desconhecidas (que ocupam o intervalo de tempo entre o próprio Jesus e os primeiros escritores cristãos), Jesus tem o direito de ser ouvido por aquilo que representa.

Segundo, a atuação histórica do Mestre é o ponto de partida do que um estudo sobre a influência de Jesus. Nesse sentido, ele é o pressuposto da teologia de seus seguidores.

Terceiro, Jesus é o tema da reflexão dos Evangelhos. Logo, as obras dos evangelistas devem ser vistas como parte significativa na busca por uma teologia do Novo Testamento (Marshall, 2007, p. 38).

A igreja de Jerusalém esteve numa posição de liderança na comunidade cristã inicial aproximadamente de 30 a 44 d.C., mas com o rápido crescimento perdeu sua posição de

liderança após o Concílio de Jerusalém (Atos 15), onde decidem desobrigar os gentios à obediência da lei, favorecendo a emancipação espiritual das igrejas gentílicas. Sobretudo, o Espírito Santo foi o elemento preponderante na fundação da Igreja Cristã; segundo a promessa de Jesus, de que enviaria um Consolador que lideraria a igreja após sua ascensão ao Pai – João 16.7-15. Além de capacitador e guia da comunidade cristã a partir do pentecoste, o Espírito Santo se tornou o Agente da Trindade na mediação da obra de redenção da humanidade (Cairns, 2008, p. 49).

As comunidades cristãs se espalharam por todo o território sob o governo romano como: Antioquia, Éfeso, Corinto e Roma. A figura central nesse processo foi o apóstolo Paulo, que realizou várias viagens missionárias e escreveu cartas (epístolas) que se tornaram parte do Novo Testamento. Segundo Cairns (2008, p. 52), embora tenha sido Pedro o instrumento que comunicou o evangelho aos primeiros gentios convertidos, foi Paulo, capacitado pelo Espírito Santo, sob a revelação de Deus, que teve a visão das necessidades do mundo gentio, dedicando sua vida a pregação do evangelho; e foi ele que entendeu o caráter universal do cristianismo. No ano 70 d.C., ainda como general romano, Tito cerca e invade a Palestina, destrói o templo de Jerusalém e os judeus se dispersaram, nesse tempo os cristãos saíram em várias direções pregando o evangelho de Cristo. Na cidade de Roma havia muitos imigrantes, eles formavam a maioria da comunidade cristã no primeiro século; a maioria habitava nos arredores pobres, poucos provinham das classes altas, especialmente as mulheres. Esses cristãos faziam seus cultos em pequenos grupos, se reunindo nas casas. (Almeida, 2021, p. 49). O crescimento gradativo chamou a atenção das autoridades romanas e, apesar das repressões, não se acovardavam, pois estavam alicerçados nos ensinamentos de Cristo. A partir do Pentecostes, o cristianismo foi crescendo e atraindo pessoas de diversas classes sociais, inclusive escravos e mulheres, pela sua mensagem de esperança, igualdade espiritual e salvação, e se transformou na maior religião do mundo (Almeida, 2021, p. 50).

O início da igreja cristã foi marcado por tensões e transformações, o cristianismo foi perseguido por autoridades, primeiro as eclesiásticas do judaísmo e depois as romanas, desde então, a perseguição seguiu num padrão eclesiástico ou político (Cairns, 2008, p. 49). Mesmo assim, a fé se espalhou rapidamente, sustentada por redes de solidariedade e a mensagem de salvação universal.

O culto ao imperador era visto como forma de lealdade política. Os primeiros cristãos, por recusarem participar desses rituais, eram considerados subversivos. Isso levou a períodos de perseguições, principalmente do século I ao início do IV. Segundo Almeida (2021, p. 61), as perseguições aos cristãos foram geradas por falsas acusações, desconfianças e preconceitos.

Para Foxe (2018, p. 26), as causas principais de tanta perseguição aos cristãos por parte dos imperadores romanos foram o medo e o ódio: o medo, por desconhecerem a natureza do Reino de Cristo, os imperadores e o senado, ignorantes, temiam e desconfiavam que os cristãos, com os ensinamentos de Cristo pudessem subverter seu império. O ódio decorria, por um lado, da própria condição natural do mundo, que sempre tratou com maldade o povo de Deus, desde o seu princípio; por outro, do fato de os cristãos possuírem uma natureza e religião contrárias às religiões romanas, servindo ao Deus único, desprezavam os seus falsos deuses, eram contrários às adorações idólatras e muitas vezes detiveram o poder de Satanás que agia através de seus ídolos. Satanás, por tudo isso, instigou os príncipes romanos e seus seguidores a nutrir contra os cristãos um ódio cada vez maior; qualquer desgraça que supunham acontecer a cidade ou as províncias romanas era imputado aos cristãos.

Os tiranos e órgãos de satanás não se contentavam apenas com a morte para tirar a vida do corpo. Os tipos de morte eram tão diversificados quanto terríveis. Tudo o que a crueldade da invenção do homem pudesse conceber para castigar o corpo humano era posto em prática contra os cristãos: açoites e flagelos, estiramentos, dilacerações, apedrejamentos, lâminas de ferro em brasa aplicadas ao corpo, profundas masmorras, rodas de tortura, estrangulamentos nas prisões, dentes de animais selvagens, grelhas, patíbulo e forcas, arremessos sobre chifres de touros. Além disso, quando eram mortos por esses meios, os corpos eram amontoados e com eles deixados cães para guardá-los, a fim de que ninguém pudesse vir dar-lhes sepultura, e súplica nenhuma conseguia que eles fossem entregues para serem sepultados (Foxe, 2018, p. 27).

Entretanto, os cristãos persistiam, apesar de todo sofrimento e contínuas perseguições. A Igreja crescia profundamente enraizada na doutrina dos apóstolos e regada pelo sangue de santos, homens e mulheres.

Ao longo dos primeiros quatro séculos os cristãos sofreram com cruéis perseguições, sendo a primeira de dez delas desencadeada pelo Imperador Nero. Resumidamente veremos a sequência de cada uma e os respectivos imperadores (Almeida, 2021, p. 62):

1ª perseguição (64 d.C.) por Nero: segundo relatos históricos, o apóstolo Pedro foi condenado à morte e crucificado em Roma. O apóstolo Paulo foi levado para execução e morreu com seu pescoço decapitado pela espada. Os cristãos foram usados como “bodes expiatórios” do incêndio da cidade de Roma. Entre as medidas cruéis e sádicas de Nero, queimou cristãos vivos para iluminar seus jardins.

2ª perseguição (90-96 d.C.) por Domiciano: irmão do general Tito, que destruiu a cidade de Jerusalém. Ordenou sua própria adoração como deus e ordenou que imagens suas, feitas de ouro e prata fossem erigidas no capitolio. Os cristãos foram perseguidos por se recusarem a

oferecer incenso em sua homenagem. Mandou executar Clemente de Roma (considerado um dos pais apostólicos da igreja antiga) e ordenou o exílio do apóstolo João na ilha de Patmos.

3ª perseguição (98-117 d.C.) por Trajano: decretou a execução dos cristãos sempre que fossem encontrados, não precisavam ser procurados, nesse período milhares de cristãos foram mortos diariamente. Morte de Inácio de Antioquia (considerado um dos pais apostólicos da igreja antiga).

4ª perseguição (117-138 d.C.) por Adriano: uma perseguição esporádica e quem levantasse falso testemunho contra os cristãos era punido.

5ª perseguição (161-180 d.C.) por Marco Aurélio: ele era da filosofia estoica, opunha-se ao cristianismo por razões filosóficas. Os cristãos foram responsabilizados pelas calamidades naturais. Execução de Policarpo e Justino (pais apostólicos da igreja antiga) e Blandina (jovem escrava cristã).

6ª perseguição (202-211 d.C.) por Sétimo Severo: proibiu a conversão ao cristianismo. Execução de Perpétua (uma nobre e jovem senhora cristã que amamentou o filho na prisão).

7ª perseguição (235-236 d.C.) por Maximino: ordenou o exílio de clérigos cristãos, entre eles o presbítero Hipólito e o bispo Ponciano.

8ª perseguição (249-251 d. C.) por Décio: decretou a queima de incenso em sua homenagem. Retornou ao paganismo que exigia o extermínio total do cristianismo.

9ª perseguição (257-260 d.C.) por Valeriano: confiscou as propriedades dos cristãos e proibiu suas reuniões. Martirizou Orígenes e Cipriano (considerados pais da igreja).

10ª perseguição (302-311 d.C.) por Diocleciano: considerada a pior perseguição de todas. As igrejas foram destruídas e as Escrituras queimadas. Os direitos civis dos cristãos foram suspensos e exigia sacrifícios aos deuses.

No final do século III e início do século IV, a perseguição aos cristãos começou a diminuir e o cristianismo sobreviveu diante das perseguições e muitas execuções, houve a edificação de templos, desenvolveram a hierarquização da igreja, assim como a busca pela unidade do cristianismo, consolidando suas crenças e alcançando todas as regiões importantes do império romano: Roma, Cartago, Alexandria, Antioquia e Lião na Gália. Contudo os cristãos eram vistos com desconfiança e viviam sob suspeita, e um imperador após outro tentava erradicar o cristianismo do império (Olson, 2001, p. 143). Ainda nesse período houve perseguição a bispos e outros líderes da cristandade, confiscos de propriedades dos cristãos, e das igrejas onde se reuniam; que segundo Almeida (2021, p. 63), eram lugares simples, com pinturas rústicas nas paredes que representavam cenas bíblicas.

No início do século IV, o Imperador Constantino converteu-se ao cristianismo e cessa as perseguições, conferindo aos cristãos liberdade de culto e a restituição dos seus bens. Ele constrói várias basílicas, concede privilégios ao clero e promove cristãos a altos cargos.

O Édito de Milão (313 d.C.) proclamou oficialmente a liberdade religiosa aos cristãos no Império Romano e os direitos outorgados pelo estado através do acordo entre os imperadores Constantino, no ocidente e Licínio, no oriente. Na obra de Bettenson, *Documentos da Igreja Cristã* (2007, p. 49-50), estão registrados os documentos:

***O Edito de Milão (março de 313)***

Lactâncio, De mort. Persec. XLVIII

2. Nós, Constantino e Licínio, Imperadores, encontrando-nos em Milão para conferenciar a respeito do bem e da segurança do império, decidimos que, entre tantas coisas benéficas à comunidade, o culto divino deve ser a nossa primeira e principal preocupação. Pareceu-nos justo que todos, cristãos inclusive, gozem da liberdade de seguir o culto e a religião de sua preferência. Desta forma o Deus, que mora no céu, ser-nos-á propício a nós e a todos os nossos súditos. 4. Decretamos, portanto, que, não obstante a existência de instruções anteriores relativas aos cristãos, os que optarem pela religião de Cristo estão autorizados a abraçá-la sem estorvo ou empecilho, e que ninguém absolutamente os impeça ou moleste... 6. Observai, outrossim, que também todos os demais terão garantida a livre e irrestrita prática de suas respectivas religiões, pois está de acordo com a estrutura estatal e com a paz vigente que asseguremos a cada cidadão a liberdade de culto, segundo sua consciência e eleição. Não pretendemos negar a honra devida a qualquer religião e a seus adeptos. 7. Outrossim, com referência aos cristãos, ampliando normas já estabelecidas sobre os lugares de seus cultos, é-nos grato ordenar, pela presente, que todos que compraram esses locais os restituam aos cristãos sem qualquer pretensão a pagamento...

[8 e 9. As igrejas recebidas como donativo e os demais lugares que antigamente pertenciam aos cristãos deviam ser devolvidos. Os proprietários, porém, podiam requerer compensação.]

10. Use-se da máxima diligência no cumprimento das ordenanças a favor dos cristãos e obedeça-se a esta lei com presteza, para se possibilitar a realização de nosso propósito de instaurar a tranquilidade pública. 11. Assim, continue o favor divino, já experimentado em empreendimentos momentosíssimos, outorgando-nos o sucesso, garantia do bem comum (Bettenson, 2007, p. 49-50).

**Apoio de Constantino à Igreja  
Restituição dos bens eclesiásticos**

Constantino a Anulino, procônsul da África (313)

*Eusébio, H.E.X.V.15-17*

Salve, estimadíssimo Anulino. É costume de nossa Benevolência exigir que as coisas pertencentes ao direito alheio não só sejam respeitadas, mas também restituídas... 16. Portanto, mandamos que, ao receber esta carta, faça com que sejam restituídas imediatamente às igrejas cristãs as propriedades que estejam sob poder de qualquer pessoa em qualquer cidade ou lugar. É nossa vontade que voltem a seus proprietários legais o que as referidas igrejas possuíram outrora. 17. Toda vez que vossa fidelidade souber ser verdadeira esta nossa injeção, ponha mãos à obra para que, quanto antes, lhes sejam devolvidos os jardins, as casas e qualquer outra propriedade que legalmente lhes tenha pertencido, de modo que conste que obedeceu ao nosso preceito. Adeus, amado e estimado Anulino (Bettenson, 2007, p. 49-50).

Contudo, houve nesse momento a união da igreja com o Estado, produzindo várias transformações, fazendo do cristianismo uma religião diferente dos ensinamentos de Cristo; desfocando dos valores espirituais e comunitários: igualdade, comunhão, serviço, amor, simplicidade, se transformando em uma instituição hierárquica e política, sob interferência do poder do estado. Como diz Cairns (2008, p. 104), Constantino foi mais astuto que seu antecessor, Diocleciano; ele compreendeu que se não podia destruir a Igreja de Cristo pela força, melhor seria tê-la como aliada, assim salvaria a cultura clássica do seu império. Segundo Almeida (2021, p. 64, 130), nesse período a igreja recebeu uma grande quantidade de pagãos, que se tornaram cristãos, com isso as práticas pagãs foram, de certa forma, influenciando as doutrinas cristãs; festas pagãs foram incorporadas à igreja e transformaram-se em festas cristãs, como exemplo o Natal, que no paganismo era o dia oficial do deus Sol, chamado *Sol Invictus*, comemorado no dia 25 de dezembro; as datas dedicadas aos deuses também foram adaptadas ao calendário cristão, como o dia de culto ao deus “Sol” (domingo) passou a ser oficialmente o dia de descanso e culto cristão.

Contudo, no reinado do Imperador Constantino ocorreram diversos acontecimentos importantes para o cristianismo e, também, para a teologia cristã. Segundo Olson, as quatro e mais importantes foram: 1. O fim da perseguição aos cristãos; 2. A edificação da cidade de Constantinopla (nova capital imperial); 3. O cisma<sup>8</sup> conhecido por controvérsia ariana<sup>9</sup>; 4. O primeiro concílio ecumênico – Concílio de Nicéia em 325.

Pouco tempo depois, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, com o imperador Teodósio I, em 380 d.C. A Igreja passou, então, a se organizar institucionalmente, com bispos, concílios e uma hierarquia mais definida, o que deu origem à Igreja Católica Imperial como instituição formal. O estado garantiu liberdade e favores para a igreja, porém ficou submetida ao serviço do Império.

Para Cairns, se revermos os caminhos da mudança de forma do cristianismo, de “seita<sup>10</sup>” para religião oficial do poderoso império romano, conclui-se que a marcha vitoriosa foi prejudicial à igreja. Embora sua associação com o Estado e sua política secular lhe trouxesse

---

<sup>8</sup> Debate teológico ocasionado por conflitos doutrinários cristãos sobre a natureza de Cristo. Resultou numa divisão teológica entre Ário, que negava a divindade de Jesus contra o cristianismo ortodoxo, que defendia a crença da santíssima Trindade, argumentando que Cristo, o Filho e Deus, o pai, compartilhavam a mesma natureza. Essa disputa teológica ficou conhecida como “O Cisma da Controvérsia Ariana” (Olson, 2001, p. 145).

<sup>9</sup> Ário foi um presbítero de Alexandria que não acreditava na divindade de Cristo, ensinando que ele não era eternamente divino com o Pai, mas apenas um ser criado por Deus. O arianismo formou seus seguidores que negavam a doutrina da Trindade, enfatizando a unicidade de Deus Pai como o único ser autoexistente e imutável; Jesus era o filho de Deus apenas como um ser criado, não era coeterno nem consubstancial. O arianismo foi considerado herético e condenado no Concílio de Nicéia em 325 (Olson, 2001, p. 151).

<sup>10</sup> O termo que define como ‘seita’ para essa época do cristianismo nascente seria um movimento “sectário”, ou seja, um grupo de seguidores com uma ideologia específica e obstinados à nova crença (Meeks, 1996, p. 89).

benefícios, isso também lhe traria muitas desvantagens, pois em troca dos privilégios e proteção oferecidos pelo governo, interferiam-se em assuntos espirituais e teológicos. Iniciando um longo conflito entre a Igreja e o Estado. Já para Olson (2001, p. 131), três importantes acontecimentos foram responsáveis pela transformação do cristianismo primitivo: 1. A formalização da estrutura organizacional hierárquica centralizada nos bispos; 2. A formulação dos credos que resumem os princípios do que se deve crer para ser cristão; 3. A identificação de um cânon de Escrituras cristãs. Olson ainda diz: esses acontecimentos não começaram e terminaram no século IV, mas foi nessa era que os resultados “finais” se tornaram inevitáveis, na forma e nas linhas gerais.

Porém, por razões intrínsecas e extrínsecas, a igreja cristã do Império Romano se organizou na direção de estruturar-se formalmente; o passo mais importante e primeiro nesse sentido, foi fortalecer a autoridade dos bispos e os sínodos (reuniões oficiais dos bispos).

A partir do século IV, entre 313 e 451, após a união da Igreja com o Estado e a expansão do cristianismo, inicia-se um período de controvérsias teológicas que resultaram em concílios. Suas principais finalidades eram: definir a doutrina cristã, preservar a unidade da Igreja, combater heresias, dar respostas as crises internas e externas e estabelecer normas disciplinares e eclesiásticas. Cairns (2008, p. 110) diz que os dois grandes períodos de controvérsia teológica na história da igreja foram: o período da Reforma e o período de 325 e 451.

Conforme supracitado, Constantino convocou e presidiu o primeiro concílio ecumênico, o Concílio de Nicéia em 325, com a finalidade de resolver conflitos doutrinários e eclesiásticos. Porém, foi no segundo concílio, em 381, na cidade de Constantinopla, convocado por Teodósio I, que a doutrina formal e oficial ortodoxa da Trindade foi elaborada, conhecido como *Credo de Nicéia* e oficialmente chamado de *Credo niceno-constantinopolitano*, ratificando a divindade de Jesus Cristo e do Espírito Santo em relação a Deus; Jesus é o Filho gerado, sendo coeterno com o Pai e da mesma substância divina. Torna-se a declaração universal da fé cristã; também a defesa da unidade da igreja. No final do século IV, o cristianismo ortodoxo niceno, se tornou a religião oficial do Império Romano, começando a perseguir os que se intitulavam cristãos, mas rejeitavam a teologia e eclesiologia oficiais do Imperador e dos Bispos da Grande Igreja. (Olson, 2001, p. 145). O terceiro Concílio foi em Éfeso, no ano de 431, deferiram sobre a unidade na pessoa de Cristo e Maria como “Mãe de Deus”. Em 451, convocado por Marciano, o Concílio de Calcedônia foi o quarto e promulgou uma cristologia que estivesse em conformidade com a Bíblia, definindo que Jesus é uma única pessoa com duas naturezas, a divina e a humana; também emitiu regras disciplinares aos clérigos e elevou Constantinopla a segunda posição na hierarquia eclesiástica, depois de Roma. Esses quatro Concílios foram

reconhecidos pela Grande Igreja de Roma, como os principais da igreja primitiva, tornando suas decisões obrigatórias para todos os clérigos cristãos. Após o Concílio de Calcedônia o processo de convocação de concílios continuaram, sendo a proposta principal a tomada de decisões teológicas. Segundo Olson (2001, p. 164), esses quatro primeiros concílios foram considerados dotados de autoridade especial para a doutrina cristã; até mesmo pelas denominações protestantes magisteriais, como as luteranas, as reformadas e anglicanas (com ressalvas), pois ainda os consideram inferiores às Escrituras.

Segundo Cairns, a fundação da cidade de Constantinopla por Constantino, serviu para ajudar a dividir o Oriente e o Ocidente, abrindo o caminho para o Cisma em 1054<sup>11</sup>. Constantinopla tornou-se o centro do poder político no Oriente e, Roma no Ocidente, os bispos ganharam poder político, além do espiritual após 476, devido à ausência do Imperador em Roma e dos problemas que aconteciam no Ocidente como a tomada do trono imperial pelos bárbaros; o povo passou a ver o bispo romano como autoridade política e espiritual. (Cairns, 2008, p. 136). Posteriormente, com a divisão da cristandade em duas igrejas, a Católica Apostólica Romana, na cidade de Roma e, Católica Apostólica Ortodoxa em Constantinopla, o reconhecimento legal dos Concílios ficaram controversos: as igrejas Ortodoxas orientais, reconhecem sete concílios ecumênicos; a Católica Romana reconhece vinte e um concílios ecumênicos, sendo o Vaticano II mais recente, realizado nos anos de 1962 a 1965.

Segundo Olson (2001, p. 164, 165), muitas denominações protestantes, que surgiram da Reforma e se declaram cristãs, como: luteranas, anglicanas e reformadas (presbiterianas e batistas), reconhecem os quatro primeiros concílios providos de certa autoridade especial, porém mesmo esses quatro são considerados inferiores às Escrituras. Já as denominações sem credos (orientações de fé ligados ao sistema religioso tradicional) a não ser a Bíblia somente, rejeitam a ideia de concílios ecumênicos, considerando-os um sistema contaminado pelo poder pagão e político, de governantes seculares, que interferem na vida da igreja, na interpretação bíblica e teológica.

Cairns (2008, p.106) afirma como “boa” as pazes entre a Igreja e o Império na primeira parte do século IV, pois na última parte do século surgiu um novo problema, que foi conduzir ao cristianismo os contingentes migratórios de povos vikings, eslavos, teutões e mongóis para

---

<sup>11</sup> Foi considerado o primeiro grande cisma no cristianismo a romper com a unidade da Igreja. O Cisma de 1054 resultou na divisão oficial da Igreja cristã em duas partes, em Roma, no Ocidente a Igreja Católica Romana e no Oriente a Igreja Ortodoxa Grega. Após um longo período de divergências teológicas e políticas, como: o uso de pão fermentado ou sem fermento na Eucaristia; o uso de imagens e escultura no culto; rivalidade quanto a liderança da igreja entre o Papa de Roma e o Patriarca de Constantinopla no oriente; a transferência da capital do império para Constantinopla causou enfraquecimento da Igreja no Ocidente; o Ocidente falava latim e o Oriente grego, isso gerou muitas dificuldades na comunicação (Cairns, 2008, p.181).

a Europa Ocidental. Entre os períodos de 375 a 1066, além da migração das tribos bárbaras teutônicas, houve o declínio do Império Romano, impondo sobre a igreja a tarefa de ser “sal” e “luz”, em conservar a cultura heleno-hebraica ameaçada de destruição e levar o evangelho de Cristo aos povos nômades bárbaros.

Como diz Almeida (2021, p. 72), o cristianismo propõe igualdade, humanidade e certeza de vida eterna; essa proposta, sem dúvida, atraiu a muitos que estavam perdidos espiritualmente, envolvidos na falsa adoração de tantos deuses, oprimidos pela superstição e atraídos pelos cultos de mistério. Sobretudo, fato é que o cristianismo promoveu transformações; elevando o nível moral da sociedade romana, os espetáculos de gladiadores foram extinguidos, dignificou a mulher, os escravos passaram a receber melhor tratamento, a legislação romana tornou-se mais justa e a obra missionária avançou.

Sendo assim, devemos reconhecer que, o surgimento da Igreja Cristã marcou um dos acontecimentos mais significativos da história humana. Nascida a partir da mensagem e do testemunho de Jesus Cristo, celada pelo Espírito Santo no evento do Pentecostes, ela se desenvolveu rapidamente, ultrapassando barreiras culturais, políticas e religiosas. De um pequeno grupo formado por discípulos e discípulas em Jerusalém, o cristianismo transformou-se em uma força espiritual e social que moldou profundamente o mundo ocidental e influenciou diversas culturas ao longo dos séculos. Passando por transformações, divisões e reformas, refletindo tanto a busca pela fidelidade ao Evangelho quanto os desafios de viver a fé em diferentes contextos históricos. Apesar das diferenças entre suas vertentes: católica, ortodoxa e protestante, todas compartilham a mesma origem: o testemunho de Jesus Cristo e o compromisso com a propagação de seus ensinamentos. Assim, concluímos esse assunto, afirmando que a fé cristã continua inspirando milhões de pessoas em todo o mundo.

### **2.1.1. AS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS**

As primeiras comunidades cristãs surgiram em sequência à morte e à ressurreição de Jesus, no século I d.C. e se desenvolveram dentro do ambiente do judaísmo. A primeira comunidade cristã surgiu em Jerusalém, formada e liderada pelos discípulos e outros judeus que acreditavam na divindade de Jesus como o Messias prometido. Eles praticavam a fé judaica, pois os primeiros cristãos frequentavam o templo todos os dias (Atos 2.46), mas também cultuavam em outros lugares como nas sinagogas, nas casas e no cenáculo, crendo na ressurreição de Jesus. Essas comunidades tinham como base principal os ensinamentos de Jesus e se organizavam de forma simples, com forte senso de fraternidade, partilha e orações.

No início da Igreja, após o evento do Pentecostes, os cultos cristãos eram realizados principalmente na casa dos fiéis, sendo um dos motivos a perseguição interna pelos judeus e posteriormente pelos romanos, reunir-se em casas era uma forma discreta de evitar a perseguição e o ambiente doméstico era favorável a fraternidade, a partilha, ao ensino e apoio mútuo. No livro de Atos 12.12 relata que existia uma comunidade reunida na casa de Maria, mãe de João Marcos, em Jerusalém, onde muitas pessoas estavam em oração; na casa de Lídia em Filipos, Atos 16:40; na casa de Priscila e Áquila em Roma, Romanos 16.3-5 e 1 Coríntios 16.19; na casa de Filemom em Colossos, Filemom 1:1-2, são exemplos de “casas-igrejas” onde os primeiros cristãos se reuniam. Não existiam igrejas construídas especialmente para o culto cristão nos primeiros séculos. Os primeiros templos cristãos só surgiram a partir do século IV, no reinado do Imperador Constantino. Para os primeiros cristãos o lugar não era tão importante e sim o modo que se encontravam para ter comunhão uns com os outros e cultuar a Deus (Cairns, 2008, p. 70).

Segundo Meeks (1996, p. 88), ao nos aproximarmos dos cristãos primitivos nos deparamos com uma multiforme camada de indivíduos, pois, o judaísmo estava passando por múltiplas adaptações, sob influência da cultura greco-romana, e foi nesse momento que surgiu e difundiu o pequeno grupo de seguidores de Jesus, formando uma comunidade cristã inicial também multiforme. Porém, mesmo com a diversidade de seguidores e a influência de outras culturas, o verdadeiro cristão era identificado pela ética que o conduzia a partir dessas primeiras comunidades cristãs. Mesmo sendo chamados e conhecidos como uma seita dentro da cultura judaica dominante como um grupo de fanáticos, eles priorizavam as questões morais e atitudes corretas com o próximo, como o amor, a comunhão, a fidelidade, o perdão, cuidado mútuo etc. sob a revelação de Deus. Como diz Almeida (2021, p. 52), a preocupação do cristão ia além do espiritual, também havia um genuíno interesse e ação em relação ao seu contexto material. Ajudavam-se mutuamente como uma verdadeira família espiritual.

Com a perseguição em Jerusalém e a dispersão de alguns judeus, os cristãos começaram a se espalhar por todo Império Romano e Antioquia foi uma das primeiras cidades fora da Judeia a ter uma comunidade cristã significativa e lá, os seguidores de Jesus foram chamados pela primeira vez de “cristãos” (Atos 11.19-30). Além da Antioquia, comunidades cristãs foram fundadas em Éfeso, Corinto e Roma, sendo o apóstolo Paulo a figura central nesse processo de expansão. Como diz Cairns (2008, p. 51), a igreja em Antioquia era tão grande, que se tornou o principal centro do cristianismo de 44 a 68 d. C., podendo socorrer as comunidades judaicas quando elas passaram por grandes necessidades de escassez.

Como supracitado, após a invasão da Palestina pelo general Tito em 70 d.C. e a dispersão dos judeus, os cristãos saíram pregando o evangelho de Jesus por várias regiões; porém, eram frequentemente perseguidos pelos romanos e por judeus, levando-os a viver na clandestinidade em muitos lugares. Segundo Almeida (2021, p. 49), na cidade de Roma, os imigrantes formavam a maioria da comunidade cristã e até o reinado de Constantino, reuniam-se em casas particulares, locais emprestados como escolas e cemitérios, como as catacumbas romanas. O culto era simples e realizado no primeiro dia da semana, chamado o dia do Senhor, por ter sido o dia em que Jesus ressuscitou.

Segundo Almeida (2021, p. 64), inicialmente a liderança dessas comunidades era exercida pelos apóstolos e, depois, no decorrer dos primeiros séculos, por presbíteros, diáconos e bispos, porém, homens e mulheres comuns, comprometidos com o Reino de Deus e sua expansão, os quais abriram suas casas, tornando-as casas-igrejas, doaram suas vidas ao serviço do evangelho de Cristo. (Cairns, 2008, p. 50). No entanto, foi o Espírito Santo o agente principal na liderança, capacitando e guiando as comunidades cristãs após o Pentecoste e ao longo da história da Igreja de Cristo na terra (João 16.7-15).

Contudo, as primeiras comunidades cristãs nasceram da fé e da união entre os seguidores de Jesus, que procuravam viver seus ensinamentos de amor e fraternidade, guiados pelo Espírito Santo. A partir dessas pequenas reuniões, geralmente realizadas nas casas, sob a contribuição de mulheres generosas, corajosas e cheias de fé, o cristianismo cresceu, enfrentou perseguições e se transformou em uma grande instituição religiosa.

A participação feminina nas primeiras comunidades cristãs foi fundamental para o crescimento e a propagação do Evangelho. As mulheres se tornaram verdadeiras missionárias e cooperadoras, levando adiante a mensagem de Jesus Cristo e ajudando a construir as bases da Igreja cristã. O exemplo dessas mulheres continua inspirando a vivência cristã até os dias de hoje.

### 3. O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE E NA FAMÍLIA NOS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO

Nos primeiros séculos da era cristã o papel feminino na sociedade e na família foi profundamente influenciado e controlado por estruturas patriarcais, especialmente a romana, a grega e judaica. Nesse período, a mulher estava, em grande parte, subordinada ao homem, seja ao pai, ao marido ou a outras figuras masculinas da família como o irmão e filho. No entanto, no ambiente doméstico e religioso tinha uma “certa relevância”. Para Meyer (2025, p. 20), no universo greco-romano a reputação social e o caráter de uma mulher eram baseados na administração de sua casa. Mas, segundo Almeida (2021, p. 75), em Roma, a definição do ser mulher, estava baseada em sua inferioridade social e familiar, pois ela não teria direito nem a uma identidade individual; as leis romanas não a definiam como pessoa, mas como “coisa”, na falta do título de sua posse familiar, poderia ser requerida como um móvel. Lamentavelmente, era tratada como escrava do homem, podendo ser comprada, vendida, trocada, desposada, casada, divorciada e até separada de seus filhos sem seu consentimento, o seu senhor que decidia, da forma que lhe agradasse. Como diz Mocellin (2001, p. 39): “ao nascer, as meninas romanas ficavam sob a custódia do *pater familias*<sup>12</sup>, que tinha poderes de vida e de morte sobre elas”. Não eram incluídas nos recenseamentos, apenas contabilizadas aquelas que eram herdeiras ricas; somente no governo de Diocleciano (284 a 305 d.C), que passaram a ser contadas por razões fiscais. Como diz Almeida (2021), não possuíam nomes próprios por serem apenas frações anônimas e passivas de uma família; sendo assim, recebiam o nome da família, por exemplo: a filha de Diocleciano seria chamada de Diocleciana, os nomes eram derivados de sobrenomes com determinação masculina, seja do pai ou marido.

Segundo Mocellin (2001, p. 22), além de serem controladas pelos homens, de não terem direito à cidadania, nem de possuírem direitos políticos, as mulheres gregas viviam reclusas e eram vistas pelos homens com desprezo ou desdém; as preferidas eram as silenciosas e discretas. Seu papel principal era cuidar da casa e dos filhos, garantindo a continuidade da família. O casamento era visto mais como um contrato familiar e social do que como uma união por afeto, tendo duas funções básicas: a transmissão de propriedades e gerar filhos legítimos; aos doze anos já estavam prontas para o casamento. No entanto, através da religião, as mulheres conseguiam uma oportunidade de se envolverem na vida comunitária, muitas se tornavam

---

<sup>12</sup> O termo se refere ao chefe de uma família na cultura romana, seja o pai ou marido, ele tinha autoridade máxima sobre os membros e propriedades da família. Tinha poder sobre a vida ou a morte dos filhos. (Mocellin, 2001, p.39). A tutela dos filhos estava sempre sob o controle da família paterna, nunca da mãe. No ano 390 foi autorizado a tutela das mães, desde que não contraíssem um novo casamento (Almeida, 2021, p. 73).

sacerdotisas, recebiam honras e participavam dos cultos de mistérios e festividades celebradas por mulheres. Uma das celebrações realizadas em Atenas era o culto a deusa da fertilidade, Deméter, reservada somente às mulheres (Mocellin, 2001, p. 26).

No ambiente religioso romano não era diferente, diz Mocellin (2001, p. 48), ao culto prestado à deusa Vesta, quando eram escolhidas seis virgens, entre as mais nobres famílias, que cuidavam da chama sagrada de Vesta, deusa protetora do lar e do fogo sagrado; elas faziam voto de castidade e, se porventura quebrassem o voto, a vestal seria enterrada viva. Apesar de terem importância como sacerdotisas, eram subordinadas ao pontifex maximus<sup>13</sup>, que era um homem. Almeida (2021, p. 91) nos relata que os romanos criam que a chama era o símbolo vivo da vida em Roma e caso fosse apagada a cidade sofreria, perdendo sua força e podendo sucumbir. Sendo assim, meninas entre seis e dez anos eram iniciadas no ofício de sacerdotisas e responsáveis por manter o fogo sempre aceso.

Mesmo com punições severas, caso descumprissem suas regras religiosas, as vestais eram bem consideradas em Roma. Elas eram responsáveis pela guarda de documentos importantes, pela realização de sacrifícios diários e extraordinários quando oravam pelo povo devido às calamidades públicas. Eram isentas de juramento e da prática de qualquer lei. Se algum condenado encontrasse com uma delas ao ir para o suplício ficaria livre da pena. Seu festival – chamado *Vestalias* – era celebrado no mês de junho, cujo término assinalava o início dos processos jurídicos (Almeida, 2021, p. 92).

Como diz MacArthur (2019, p. 17): “Tanto a mitologia quanto a prática da religião pagã geralmente foram declaradamente humilhantes para a mulher”. Sobre esse contexto social tão plural, no mundo greco-romano, cultural e religiosamente inseguro, Almeida (2021, p. 93) lança uma pergunta importante que nos desafia a pensar sobre questões da vida emocional e psicológica da mulher: “Como viver amedrontada por presságios, castigada com punições, influenciada por superstições e exaurida por práticas penitenciais para obter favores dos deuses, sem qualquer esperança de dias melhores?”

Segundo Almeida, foi nesse cenário que as boas novas do evangelho de Cristo fizeram toda diferença; às mulheres que ouviram a mensagem de esperança, as quais diziam que se podia ter um Deus pessoal e para ele podiam orar, pois o seu amor e cuidado era tão imensurável que havia enviado seu próprio Filho como Salvador pessoal, fazia sentido em suas vidas, ficaram maravilhadas com essa feliz notícia e muitas tornaram-se mulheres cristãs fiéis.

---

<sup>13</sup> Nível mais alto do clericalismo, o “super-sacerdote”, principal administrador e juiz de todos os cristãos de sua sé, é reconhecido como *Pontifex Maximus* (Olson, 2001, p. 134). Cairns (2008, p. 105), define como sacerdote principal de uma religião, seja pagã ou cristã.

O papel da mulher hebreia, também subordinada às estruturas patriarcais, era o de pilar moral e espiritual do lar, guardiã da fé e da tradição. Mocellin (2001, p. 15) ressalta que podiam ter propriedades e trabalhar por conta própria, porém eram vista como procriadoras, sendo o êxito do casamento medido pela sua fecundidade. Mesmo com limitações sociais, várias mulheres se destacaram na história hebraica por sua fé, coragem e liderança: Débora, juíza e profetisa (Juízes 4-5), líder política e militar; Miriã, irmã de Moisés, profetisa e líder nas peregrinações do deserto (Êxodo 15.20-21); Ester, rainha que salvou seu povo da destruição (Ester 7 e 8); Rute, símbolo de fidelidade e fé (Rute 1. 16-17; 2.11-12). Como diz Mocellin (2001, p. 16): “a mulher da bíblia representou um papel central na vida familiar, social, econômica, política e religiosa”. Porém, permaneceram subordinadas a cultura patriarcal, seja ao pai ou marido e aos princípios religiosos. Como diz Fabris (1986, p.29), o papel da mulher hebreia na vida privada, pública e religiosa é a resposta da sua situação social, a qual fazia parte: excluída do convívio social e público; um sinal claro dessa segregação é a obrigatoriedade do uso do véu em público, o qual deveria cobrir-lhe a cabeça, a testa e as faces, de modo que não seja possível reconhecê-la, tornando-a sem identidade em público. O estatuto religioso, de modo geral, definia que a condição da mulher não só era inferior à do homem, mas em certos casos igualada à dos menores, dos escravos e pagãos; devendo se sujeitar a todas as restrições da lei, que tem valor não só religioso, mas também social (Fabris, 1986, p. 30).

No início do cristianismo, a cultura judaica já vivia sob a influência helênica, a qual dividiu os judeus em dois grupos: os judeus helenizados e os ortodoxos. Segundo Meyer (2025, p. 94), os helenizados eram em maior número, além da Palestina estavam espalhados em todas as regiões da diáspora, na Ásia, na África e Macedônia (região da Europa) e correspondiam ao percentual de 10% do Império Romano; enquanto os judeus ortodoxos formavam um pequeno grupo e encontrava-se em maior número na região da Judeia. Uma das grandes diferenças entre eles era o tratamento e as liberdades concedidas às mulheres; o grupo ortodoxo continuava seguindo os termos desenhados no retorno do exílio na Babilônia, que culpava as mulheres pelos desvios do povo e o castigo do exílio. (Meyer, 2025, p. 94). Textos de rabinos e sábios aconselhavam os judeus, homens, a evitarem a tentação e o pecado que procedem da mulher; dentre eles, o texto com as leis da modéstia, que além de padronizar as vestimentas e comportamento, também silenciavam a mulher, dizendo que ouvir o seu canto era o mesmo que ver a sua nudez. Segundo Fabris (1986, p. 31), sua presença na sinagoga era permitida, porém sua função era apenas de ouvinte, podendo responder amém às orações e bênçãos e, havia uma separação física dos homens; no templo, após o retorno do exílio, restrições foram impostas às mulheres, só podiam ficar em um espaço externo, chamado de: o pátio das mulheres (permitido

apenas às mulheres hebreias), mas durante o período chamado de “impureza ritual” – menstruação e após o parto – ficavam excluídas até do átrio externo dos pagãos.

Sendo assim, o papel da mulher para o judaísmo ortodoxo se define biologicamente como mãe e procriadora, socialmente dependente do pai ou marido, vista como um ser intelectualmente limitada e incapaz de compreender a Torá<sup>14</sup>. Contudo, ainda podiam compor o número de pessoas nas orações comunitárias (não podiam dirigi-las, nem ler a Torá publicamente), o papel do ensino das tradições às crianças, acender as velas no sábado e fazer orações durante as refeições. Essas funções religiosas no ambiente privado, do lar, também eram mantidas entre os judeus helenizados, porém, a mulher judia helenizada, tinha mais liberdade, circulavam com mais fluidez entre o ambiente público e privado, conquistando espaço como administradoras de propriedades, comerciantes, transitavam entre cidades e efetuavam negócios; no âmbito da vida particular, em família, podiam participar das discussões filosóficas e religiosas. Mesmo conquistando uma certa liberdade no ambiente público, por estarem sob as regras da religião judaica, a presença das mulheres ainda era limitada e podendo ser considerada inadequada (Meyer, 2025, p. 95).

Para os Pais da Igreja, conhecidos como grandes teólogos e pensadores cristãos, que influenciaram o mundo com suas ideias, quando se tratava do papel feminino eram quase unânimes no pensamento. Segundo Almeida (2021, p. 99), os quatro primeiros Pais da Igreja, Tertuliano, Cipriano, Ambrósio e Jerônimo, partilhavam a concepção de que a divisão da humanidade em homens e mulheres se desenvolvem paralelamente com a divisão do mundo entre o espiritual e o físico; sendo assim os homens representam a parte espiritual e as mulheres o físico (carnal). Portanto, assim como o espírito governava a carne, o homem estava designado a governar sobre a mulher, que é carnal; consideravam as mulheres volúveis, e por isso deveriam ficar sob o domínio do homem. A figura da mulher estava vinculada ao de Eva, culpada pela queda e pecado do homem (1 Tm 2.13-14). Almeida diz: “A mulher era condenada não pelo que fazia, mas pelo que era”. Sendo assim, somente renunciando a sua própria carne e a tudo que a tornava mulher é que seria possível tornar-se espiritual. Podemos dizer que para alguns Pais da Igreja a primazia da espiritualidade estava refletida sobre o homem, e para a mulher alcançar a espiritualidade precisava deixar de ser mulher e tornar-se assexuada

---

<sup>14</sup> Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, são chamados de Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os judeus de fala hebraica tradicionalmente se referem a esses cinco livros como Torá, que significa instrução em santidade. O Pentateuco foi a primeira coleção literária divinamente inspirada reconhecida por Escritura pela comunidade judaica (Hill, 2007, p. 53).

(Almeida, 2021, p. 100). Sobre os pensamentos de Agostinho quanto ao casamento e Ambrósio à sexualidade, Almeida diz:

O intolerável tormento não provinha de Deus, mas de interpretação errônea sobre as mulheres e o casamento. Deus jamais deixaria de salvar alguém somente por ser casado. Foi ele quem instituiu o casamento, reconhecendo não ser boa a solidão do homem, criando uma ajudadora, abençoando-os e ordenando que frutificassem, multiplicassem-se e enchessem a terra.

É difícil crer que uma esposa cristã pudesse ser o maior obstáculo para o batismo de Verecundo. Agostinho, que se tornou celibatário, lamentava que seu amigo tão generoso não se salvasse porque ainda não tinha sido batizado. Duas ideias estranhas aos ensinamentos neotestamentários: casamento impedindo o batismo e batismo responsável pela salvação.

Já, para Ambrósio, foi essencial afirmar, ao contrário de outros cristãos, que Maria continuará perpetuamente virgem, devido ao seu pensamento sobre a sexualidade. Segundo ele, o ventre de Maria representava tudo o que havia de intacto e sagrado no mundo, pois permanecera intacto quando concebeu a Cristo e assim continuou (Almeida, 2021, p. 100).

Contudo, concluímos que o cristianismo com sua proposta de igualdade e humanidade promoveu mudanças significativas quanto a dignidade e o valor social da mulher, na contramão de outras culturas da época, como a greco-romana, onde o papel feminino se resumia ao ambiente doméstico e à família, com pouco acesso a vida religiosa ou pública; assim como na comunidade patriarcal judaizante. Como diz Meyer (2025, p. 20): “o cristianismo se desenvolveu em um ambiente propício para a participação das mulheres e foi muito beneficiado por essa maior liberdade de movimentos e decisões femininas”. Portanto, elevou o valor moral e espiritual da mulher e lhe deu novos espaços de atuação comunitária.

Observaremos no decorrer dos próximos textos o quanto a presença das mulheres e o papel que desenvolveram nas primeiras comunidades contribuiu em prol da expansão do Evangelho de Cristo.

### **3.1. A PRESENÇA FEMININA NO TRABALHO E NA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ANTIGA**

Nos primeiros séculos do cristianismo, a presença feminina teve papel fundamental, ainda que muitas vezes silenciada ou subestimada pelo tradicionalismo, tanto na cultura judaica e greco-romana, como na tradição eclesiástica da cristandade posterior, nas tentativas de restringir sua visibilidade institucional. Registros do Novo Testamento e escritos da época relatam que as mulheres atuaram não apenas como seguidoras de Jesus, mas também como colaboradoras ativas na propagação da fé, no sustento material da comunidade e na organização das primeiras igrejas domésticas. Segundo Almeida (2021, p. 96), a mulher impactou a

sociedade antiga através da sua fé em Cristo e na sua determinação em atuar a favor do Reino de Deus (constituente de um cristianismo que não faz acepção de gênero, ou, se faz, não deveria fazer).

A mulher impressionou profundamente a sociedade antiga ao ser evangelizada e evangelizando, pois o cristianismo agia mais do que ensinava concedendo dignidade e nobreza às pessoas desprezadas pelo paganismo e demonstrando a igualdade de todos os seres humanos diante da salvação em Jesus Cristo (Almeida, 2021, p. 96).

Nos Evangelhos, observa-se que diversas mulheres acompanharam Jesus em seu ministério terreno, entre elas, destacam-se as figuras de Maria Madalena, Joana e Susana, descritas como aquelas que o serviam com seus bens (Lc 8:1-3). Esse relato sugere uma participação econômica e administrativa relevante, visto que tais mulheres contribuíam para o sustento e deslocamento de Jesus e seus futuros apóstolos. A expressão “servir” (*diakonein*) já antecipa o conceito de *diaconia*, posteriormente institucionalizado na Igreja, e reforça o caráter ativo do trabalho feminino nas origens do cristianismo. Segundo MacArthur (2019, p. 17), podemos afirmar que várias mulheres eram discípulas de Jesus e ele fez questão de mencioná-las nos escritos do Novo Testamento, como podemos ver no Evangelho de Lucas 8.1-3 e 24.9-11, Mateus 27.55, Marcos 15.40,41 e João 19.25 e 20.11-18; Jesus promoveu o discipulado delas, revelando-o como algo mais importante que um ritual de serviço doméstico, como vimos no diálogo de Jesus com Marta e Maria (Lc 10.38-42).

Logo após à Páscoa, depois da ressurreição e de Jesus ter ascendido aos céus, os discípulos juntamente com as mulheres formam a comunidade de oração (Atos 1.13,14), em especial destaca-se uma mulher, Maria, mãe de Jesus, atuante no ministério de intercessão em favor da continuidade da missão de Jesus. Para Fabris (1986, p. 39), Maria foi a pioneira na origem histórica de Jesus e uma presença ativa no nascimento da Comunidade Cristã. Esse núcleo originário representa a continuidade histórica e espiritual entre o tempo de Jesus (ministério terreno) e do início da Igreja representada pelos discípulos e pelas mulheres, entre as quais estava Maria; sobre essa pequena comunidade, perseverantes e unânimes na oração, desce o poder do Espírito Santo prometido por Jesus. Portanto no dia de Pentecostes, quando a Igreja cristã do Novo Testamento nasceu, as mulheres estavam presentes com os discípulos orando. Como diz MacArthur (2019, p. 17), não é de se surpreender que a mulher tenha ganhado evidência no ministério da igreja primitiva; muitas eram conhecidas por suas boas obras, como Dorcas (Atos 9:36), outras por sua hospitalidade, como Maria (mãe de João Marcos) e Lídia

(Atos 12.12; 16.14-15) e outras pelo seu entendimento da sã doutrina e pelos seus dons espirituais, como Priscila e as quatro filhas de Filipe, o evangelista (Atos 18.26; 21.8-9).

Nas epístolas paulinas, o apóstolo Paulo reconhece a atuação de diversas mulheres, mencionando-as como colaboradoras no Evangelho. Segundo MacArthur (2019, p. 18), Paulo que muitas vezes é retratado como sexista<sup>15</sup>, pelos críticos da Bíblia, assim como por diferentes interpretações dentro e fora dos círculos religiosos, ministrava ao lado de mulheres, como descrito na carta aos Filipenses 4.3; ele reconheceu, aplaudindo a fidelidade e o talento delas (2 Tm 1.5; Rm 16.1-6). Ele faz referência a Febe, que é chamada de diaconisa da igreja de Cenecria; Priscila, ao lado de seu marido Áquila, é descrita como instrutora de Apolo nas Escrituras; e Pérside, Maria, Trifena e Trifosa são elogiadas por seu árduo trabalho no Senhor. Arruda (2019, p. 5), relata em sua obra que é admirável o fato da história de Febe, Priscila e Lídia estar associada à vida do apóstolo Paulo, a ponto de participarem dos acontecimentos mais importantes da vida dele, e da igreja na qual elas estavam incluídas e tinham uma atuação efetiva. Esses testemunhos revelam que as mulheres não apenas exerciam funções de apoio, mas também atuavam na evangelização, ensino e liderança, especialmente nos contextos das chamadas casas-igrejas.

As chamadas igrejas domésticas constituíram um espaço de protagonismo feminino, uma vez que eram frequentemente sediadas nas residências de mulheres de posição social elevada, como Lídia, a comerciante de púrpura mencionada, que desempenhou um papel importante na fundação da igreja daquela localidade (Atos 16:14-15). Essas mulheres exerciam funções de hospitalidade, administração, sustento material e espiritualidade, configurando-se como verdadeiras patronas da fé cristã, formando o núcleo organizacional da igreja nascente. Tal participação demonstra que a mulher, desde os primórdios da Igreja, assumiu responsabilidades que transcendiam o âmbito privado, contribuindo de forma decisiva para a difusão da mensagem cristã. Como diz Arruda (2019, p. 5): “Algumas delas eram bastante influentes e trabalhavam como apóstolas e ministras, animando as comunidades, a partir do anúncio que faziam de Jesus”.

Com o processo de institucionalização e clericalização da Igreja, sobretudo a partir do século IV, observa-se uma progressiva restrição do espaço feminino nas funções de liderança e magistério, acompanhando a incorporação de valores patriarcais da cultura greco-romana.

---

<sup>15</sup> O sexismo é uma atitude de discriminação baseada no sexo ou gênero. O sexista considera o sexo feminino inferior ao masculino; manifestando comportamentos que expressam desigualdades (Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2015, p. 512).

Segundo Almeida (2021, p. 103), na visão dos clérigos, a função essencial das mulheres se resumia a oração; por essa razão muitas mulheres se retiraram para a solidão do deserto e mosteiro, se tornando celibatárias, pois acreditavam que se libertando do pecado sexual, podiam se dedicar completamente à comunhão com Deus. Contudo, a relevância do trabalho das mulheres manteve-se nas esferas da vida monástica, da caridade e da assistência social, consolidando uma tradição de serviço e espiritualidade que atravessou os séculos.

Sobretudo, a presença feminina na Igreja antiga foi marcada por serviço, liderança e uma fé ativa. Longe de representar uma atuação secundária, as mulheres exerceram papel ativo na sustentação, organização e expansão do cristianismo primitivo, sendo agentes fundamentais na história da fé e na edificação das primeiras comunidades cristãs.

### **3.1.1. A LIDERANÇA FEMININA PRESENTE NO INÍCIO DA IGREJA**

Falar sobre a liderança feminina no ambiente eclesial é desafiador e, de certa forma cansativo, pois nos deparamos com falácias repetidamente machistas e argumentos pautados em textos bíblicos isolados e sem compreensão clara sobre o contexto exposto; pois em torno do tema circulam divergências, preconceitos e ignorância. Para Fabris (1986, p. 40), o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes revela-se de forma dinâmica na esfera da comunicação e da unidade, superando todas as barreiras étnicas, culturais, idade, gênero e condição social, assim como está descrito no livro de Joel 2.28-29 e Atos 1.16-18; sendo assim, a capacitação divina para falar em nome de Deus e anunciar suas obras através de todos os meios concebíveis, já não está reservada apenas a um grupo de homens, mas é uma capacidade comunicada pelo Espírito a todos que creem em Jesus Cristo; isso inclui homens e mulheres. Ferreira (2023, p. 201, 203) ratifica essa fala dizendo que o cristianismo nascente conheceu e se apropriou do hino batismal celebrado em Gálatas 3.26-28. Sendo assim, as primeiras comunidades cristãs foram convivendo com o surgimento e a presença de lideranças femininas. Segundo Ferreira, a afirmativa “não há mais homem e mulher” (Gl 3.28), naquele contexto desigual e desequilibrado há tantos séculos, em quase todas as sociedades, foi uma conquista revolucionária, provocando uma transformação no pensamento daqueles que recebiam o Evangelho da liberdade de todos e para todos. Ferreira (2023, p. 203), diz: “Com fé em Jesus Cristo, pelo batismo provocador, as mulheres e homens passaram a ser iguais em dignidade perante o Evangelho”.

Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos vós que em Cristo fostes batizados vos revestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gálatas 3.26-28).

Segundo Meyer (2025, p. 125), a igreja primitiva liderada pelo poder do Espírito Santo, vivenciava o igualitarismo social, em todas as áreas possíveis. Homens e mulheres, cheios do Espírito recebiam de Deus dons espirituais, com os quais serviam a Deus e a Igreja de Cristo; os ministérios eram abertos a todos a quem Deus chamava e o Espírito capacitava. Meyer completa: “Assim, o dom de apóstolo era exercido por homens e mulheres que haviam conhecido pessoalmente a Cristo e que atuavam ativamente como evangelistas e missionários”.

Como já supracitado, nos primeiros séculos do cristianismo (século I e II), a Igreja nascente se formava em um contexto de forte influência judaica e greco-romana, sociedades predominantemente patriarcais. Ainda assim, a pregação de Jesus introduziu uma nova visão sobre o papel das mulheres, que passaram a ocupar espaços de destaque na comunidade cristã. Como diz Jeremias (2010, p. 494), Jesus alterou conscientemente os costumes daquela sociedade e além de elevar a mulher acima da posição em que a tradição a mantinha, ele a coloca em nível de igualdade com o homem (Mt 21.31-32), destacando que, as mulheres sempre estiveram em maior número nas igrejas cristãs, desde o primeiro século, e não como simples expectadoras, elas exerceram cargos de liderança durante o período em que as igrejas se reuniam em suas casas (Meyer, 2025, p. 117).

Fabris (1986, p. 6), tem uma fala interessante e muito apropriada a esse tema, diz o seguinte: Voltar ao tempo às origens da nossa história do modo de vida eclesial, significa: 1. Redescobrir o caráter autêntico da igreja primitiva, e como essa comunidade dinâmica lutou contra os usos e costumes do ambiente patriarcal e exclusivista em que viviam. 2. Caminhar num sentido antagônico a nossa história, para “literalmente” sacudir das costas a velharia inútil dos preconceitos; para então apoderar-se das características autênticas que inauguraram a mensagem de Jesus Cristo, inerentes dos precursores missionários da cristandade. Sendo assim, fica o alerta sobre a necessidade de uma leitura correta sobre os textos paulinos, tanto no âmbito bíblico, como histórico-ambiental; mediante o eixo sociocultural do ambiente judaico-helenístico da época.

Nessa operação de recuperar, o objetivo é apreender, com conhecimento, a natureza e a dimensão da participação feminina na vida da Igreja, no seu despontar; é iniciar uma correta reflexão bíblica, também – e principalmente – sobre aqueles textos paulinos, mal afamados e julgados misóginos. (Fabris, 1986, p. 6).  
Conseguir ler Paulo corretamente, significa, sem dúvida, atingir uma etapa fundamental de crescimento da consciência cristã, e pode ser a superação do

“proibitivismo”. É evidente que Paulo não tem necessidade de paladinos para salvar-lhe as aparências; em compensação, pede inteligências vivas, para entrar na dinâmica da sua linguagem e obter os valores que quer comunicar, para constituir uma dinastia de salvos: mulheres e homens, libertados para sempre, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo (Fabris, 1986, p. 7).

As cartas de Paulo e o livro de Atos mostram várias mulheres em funções de liderança e serviço, veremos algumas delas:

- **Maria**, mãe de João Marcos (Atos 12.12) – Sua importância entre os primeiros cristãos de Jerusalém é confirmada pela sua proximidade ao apóstolo Pedro. O texto aponta para as responsabilidades de liderança religiosa com a igreja que se reunia em sua casa. (Meyer, 2025, p. 102).
- **Febe** (Rm 16.1-2) – Diaconisa da igreja em Cenecria. O termo diácono aqui (no grego *diakonos*) indica uma função de responsabilidade e liderança. Segundo Meyer (2025, p. 103), além de diaconisa, provavelmente Febe era uma mulher de negócios que se deslocava com frequência a Roma, e ajudando Paulo e os outros com o sustento e proteção, podendo ser uma potencial portadora da carta aos cristãos de Roma.
- **Priscila** (Atos 18.2, 3, 18, 19, 26; Rm 16.3-5; 1Co 16.19; 2Tm 4.19) – Priscila se destaca em quase todos os textos, na frente de seu esposo, Áquila, como colaboradora de Paulo em todo seu ministério e líder da igreja em sua casa. Juntamente com seu esposo ensinou o missionário Apolo, com mais exatidão, o Evangelho de Jesus Cristo. Os dois são citados sete vezes no Novo Testamento (Ferreira, 2023, p. 206).
- **Lídia (Atos 16:14-15, 40)** – Empresária temente a Deus, fundadora e anfitriã da igreja de Filipos. Uma mulher migrante oriunda de Tiatira, fazia parte da comunidade judaica de origem gentílica, porém ao ouvir a pregação sobre Jesus Cristo através de Paulo, se converte, é batizada e abre sua casa para ser uma igreja, onde abrigava muitas mulheres, novos convertidos e aos apóstolos missionários de Cristo. Segundo Silva (2022, p. 93), havia um grupo de mulheres reunido na sinagoga gentílica de Filipos sob a liderança de Lídia; assim como a liderança da comunidade cristã que se inicia em sua casa.

E podemos considerar que a liderança religiosa de Lídia correspondia à de uma *archisynagoguissa* “chefe/mãe de sinagoga”. Assim como à judia Rufina, em Esmirna, e a presbítera e chefe de sinagoga Sofia de Gortyn, em Creta, eram responsáveis pela administração e pelo ensino/celebração sinagogais (VAN DER HOST, 2006, pp. 25-26; BROOTEN, 1982, pp. 32-33), assim também podemos conceber isto como sendo uma das funções de Lídia como líder da comunidade gentílico-judaica que se reunia em Filipos (Silva, 2022, p. 93).

Segundo Meyer (2025, p. 96), a presença de mulheres nas sinagogas gentílicas era comum, achados arqueológicos na região do Egito e Ásia revelaram mais de trinta inscrições com nomes de mulheres com cargos de liderança religiosa. As igrejas instituídas nas viagens missionárias de Paulo em regiões da diáspora judaica eram constituídas de judeus helenizados e gentios, acostumados a ter mulheres como sacerdotisas do lar. Portanto, foi natural que as igrejas da Ásia e Europa, reunidas em casas, tivessem mulheres em sua liderança. Podemos constatar nas igrejas constituídas nas seguintes regiões: Filipos (At 16.14,15-40 e Fp 4.2-3), Corinto (1 Co 16.19), Cenecria (Rm 16.1-2, Éfeso (1 Co 1.11), Colossos (Fm 1.2), Laodiceia (Cl 4.15) e Roma (Rm 16.5).

- **Júnia (Rm 16:7)** – Mencionada como notável entre os apóstolos. Muitos estudiosos defendem que era uma mulher com autoridade apostólica. Meyer (2025, p. 126), diz ser lamentável que algumas traduções da Bíblia em português citam o nome de Júnia acrescido de uma letra “s” transformando-o com um sentido masculino: Júnias. Meyer ainda conclui: “Foi o teólogo e filósofo Egídio Romano (1245-1315) que acrescentou o “s” pela primeira vez, por estranhar que uma mulher pudesse ser contada entre os apóstolos, que acreditava serem apenas os doze escolhidos por Jesus”.
- **Maria, Trifena, Trifosa, Pérside (Rm 16)** – Mulheres elogiadas por seu trabalho árduo no Senhor, expressão que indica serviço e liderança ativa; foram chamadas de cooperadoras no evangelho (Meyer, 2025, p. 104).

Com o tempo, a institucionalização da Igreja e a influência das estruturas patriarcais romanas levaram à redução da visibilidade das mulheres na liderança. A hierarquia clerical masculina se consolidou, e muitos papéis femininos foram reinterpretados ou esquecidos. A partir do século III com o crescimento do episcopado de Roma, Alexandria e Antioquia, os bispos e presbíteros monopolizaram a Palavra e paulatinamente foram restringindo os ministérios de liderança feminina, como a Ordem das Viúvas, que exerciam funções sacramentais e litúrgicas: ensino, visitas aos enfermos, oração, obras de caridade, batismos, celebração da ceia do Senhor (Meyer, 2025, p. 135, 136). Do século IV em diante, após a união da igreja com o estado romano, o sistema hierárquico do episcopado estava plenamente instituído, e a ordem das viúvas foi desaparecendo; as diaconisas, que exerciam funções junto às mulheres cristãs também desapareceu, foram substituídas pelas virgens consagradas, que são as atuais freiras.

Segundo ministrado no curso *A espiritualidade das mães do deserto*<sup>16</sup> por Meyer (2025, aula 1), com a hierarquização da igreja as consequências para a liderança feminina foram destrutivas: relacionando as heresias à participação feminina na igreja, incluindo textos contrários à liderança feminina e exclusão de textos favoráveis, restrição à atuação feminina apenas na esfera do lar/casa, as mulheres são excluídas dos cargos ordenados, sendo apenas consagradas. A partir daí muitas mulheres se retiraram para a solidão do deserto e se tornaram celibatárias.

As evidências bíblicas e históricas mostram que as mulheres tiveram papel essencial e ativo no início da Igreja, não apenas como seguidoras, mas como líderes, missionárias, profetisas, evangelistas, e apoiadoras financeiras e espirituais do movimento cristão. As mulheres desde a antiguidade exerceram um papel de destaque na religião e nas sociedades; a presença e atuação das mulheres na formação da igreja antiga não deixa dúvida de seu papel de protagonismo. Sendo assim, seria importante fazermos uma leitura correta da Bíblia sem preconceitos e viés ideológicos, a fim de iluminar o debate sobre a mulher na igreja de ontem e hoje.

---

<sup>16</sup> Este curso foi ministrado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Lídice Meyer, Universidade Lusófona, 2025. Disponível em: [https://cursos.lusofona-x.pt/courses/course-v1:LusofonaX+EMD+2025\\_00/course/](https://cursos.lusofona-x.pt/courses/course-v1:LusofonaX+EMD+2025_00/course/).

#### 4. A PRESENÇA DAS MULHERES NOS MARTÍRIOS: SUA CONTRIBUIÇÃO COM A EXPANSÃO DO EVANGELHO E CRESCIMENTO DA IGREJA

Desde os primeiros séculos do cristianismo, as mulheres desempenharam um papel essencial na propagação da fé e no testemunho do Evangelho, mesmo diante da perseguição e do sofrimento. Muitas delas enfrentaram o martírio com coragem, fidelidade e amor a Cristo, tornando-se exemplo de fé para as comunidades cristãs e inspirando novos convertidos. Aquilina (2018, p. 37), diz: “Tempos sombrios estavam chegando; a era do martírio estava próxima. E, mais uma vez, as mulheres da Igreja é que impressionariam o mundo com sua coragem e convicção”. Nas vidas dos mártires, é onde encontramos, inesperadamente, registros de grandes mulheres cristãs; entre tantas histórias contadas pelos cristãos, de heróis que morreram em combate, certamente, das mulheres eram mais populares (Aquilina, 2018, p. 39).

Um tipo de heroína que sempre surge nessas histórias de aventuras cristãs é a virgem consagrada. Não raro a jovem resiste à exigência dos pais para que despose algum rico vagabundo. Talvez ela vá para o martírio, como aconteceu com Inês de Roma. Talvez viva feliz para sempre (com algumas aventuras pitorescas pelo caminho), como aconteceu com Tecla. Mas o importante é que ela faz sua própria escolha (Aquilina, 2018, p. 41).

Almeida (2021, p. 107) fala em sua obra que Tertuliano, considerado um dos Pais da Igreja, afirmou: “o sangue dos mártires era a semente dos cristãos”; pois, quanto maior era a perseguição mais o cristianismo crescia e o Evangelho de Cristo de espalhava. Diante do cruel e triste cenário dos martírios a atitude e a resposta era sempre a mesma: diante dos suplícios, serenidade; diante do tribunal, a resposta era “Eu sou cristão”. Essa afirmação definia tudo: seu nome, sua cidadania, sua profissão, seu parentesco e filiação. Sendo assim, o cristão se considerava cidadão dos céus e filho de Deus, tendo como vocação primordial servir ao seu Senhor, seu Reino e participar da família da fé (Almeida, 2022, p. 26).

Almeida (2021, p.107), diz: “Os mártires consideravam o dia de sua passagem à mansão eterna como o dia do seu “nascimento”: só à luz da esperança se compreende de maneira completa a alegria com que os mártires se dirigem aos tormentos que lhes dariam a morte”. O martírio chegou a ser considerado como “batismo de sangue”. Para os cristãos, morrer em nome de Cristo lhes atribuía uma profunda ligação entre o mártir e o seu Senhor. Segundo Almeida (2022, p. 26), para os Pais da Igreja a morte do mártir era considerada como uma espécie de purificação especial, pois estava unindo-se a Cristo no banho de sangue.

Como supracitado, ao longo de trezentos anos, os cristãos sofreram perseguições pelo império romano, passando por diversos tipos de castigos e intensa crueldade, levando a morte

muitos inocentes. Acusados falsamente de práticas abomináveis, como: de pertencerem a uma religião ilícita (acreditavam que os membros compunham uma sociedade secreta), de se recusarem a participar do culto do imperador, de ateísmo (por não terem um deus visível), de incesto, de canibalismo e práticas desumanas (práticas sexuais imorais por se reunirem secretamente gerando ódio à sociedade romana). O cristianismo gerou heróis épicos, de fé extraordinária, entre eles, muitas mulheres; essas heroínas da fé deixaram exemplos de coragem e tenacidade. Como diz Aquilina (2018, p. 40): “o herói não era quem brandia a espada em combate, mas a mulher que simplesmente permanecia firme e aceitava a morte por amor a Cristo”. As mulheres arrumavam-se para enfrentar a morte, crendo que aquele dia seria o mais feliz de suas vidas, aquela morte a qual enfrentariam não era o final, mas sim o início da vida eterna com Cristo; eram portadoras de uma grande fé, criam que o seu Salvador às dariam paz e alegria na hora da morte (Almeida, 2021, p.114).

Segundo Almeida (2022, p. 35), mulheres como Blandina, uma jovem escrava, frágil e desprezada, aprisionada juntamente com a sua senhora e outros cristãos, que temiam por ela, pois a consideravam fraca de corpo e de espírito; mas, provando o contrário, ao ser interrogada confessou: sou cristã, e entre nós não se comete nenhum mal. Sendo assim, foi torturada severamente, até seus torturadores se sentirem exauridos. Como as feras não tocavam Blandina, foi retirada do local do espetáculo e levada ao cárcere. Fox (2018, p. 33), diz: “Blandina, pendurada num poste, foi exposta como alimento aos animais selvagens. Pôde ser vista suspensa na forma de uma cruz, entretida numa súplica ardente”. Segundo Almeida (2021, p.116), ao olharem para Blandina, os outros mártires se sentiam encorajados, pois enxergavam por meio dela o testemunho daquele que por eles havia morrido, Jesus Cristo; após resistir a açoites, feras selvagens e chamas, foi atacada por um touro, que a lançou para o alto e a matou.

Outros testemunhos, como das mártires Perpétua e Felicidade, foram exemplos de coragem e determinação, falaremos no próximo tópico dos seus testemunhos de fé. Maura de Tebaída, recém-casada, foi crucificada com seu esposo; Eulália de Lusitânia, uma adolescente corajosa, derrubou os altares dos deuses pagãos, foi perfurada até as costelas com pinças, aplicaram-lhe tochas acesas nas feridas, nas laterais e no abdômen, seu cabelo ficou em chamas e a fumaça lhe sufocou levando-a a morte; Teodora de Alexandria, foi decapitada e seu corpo jogado no fogo; as sete anciãs virgens: Tecusa, Alessandra, Cláudia, Faina, Eufrásia, Matrona e Julita, admiradas pela perseverança e elogiadas pela modéstia, foram presas e torturadas para renunciar ao cristianismo (Almeida, 2022, p. 37,54,58,65,68,). Depois de longos anos de perseguições cruéis e sofrimento extremo, os cristãos respiram sob uma esperança de paz

através do édito que garantia tolerância para com a igreja, assinado por Galério, imperador romano, antes da sua morte em 310.

***Edito de Tolerância (311)***

*Lactâncio, De mort. Persec. XXXIV*

Entre outras providências para promover o bem duradouro da comunidade, temo-nos empenhado em restaurar o funcionamento das instituições e da ordem social do Estado. Foi nosso especial desejo que retornem ao correto os cristãos que abandonaram a religião de seus pais. 3. Após o publicação de nosso edito ordenando o retorno dos cristãos às instituições tradicionais, muitos deles foram constrangidos a decidir-se mediante o medo, enquanto outros passaram a viver numa atmosfera de perigos e intranquilidade. 4. Considerando, porém, que muitos persistem em suas opiniões e, hoje, não reverenciam os deuses nem veneram seu próprio deus, nós, usando da nossa habitual clemência em perdoar a todos, temos por bem indultar a esses homens, outorgando-lhes o direito de existir novamente e de reconstruir seus templos, com a ressalva de que não ofendam a ordem pública. 5. Seguirá uma instrução explicando aos magistrados como se devem portar nesta matéria. Em contrapartida a esta nossa indulgência, os cristãos obrigam-se-ão a orar a seu Deus por nosso restabelecimento, em benefício do bem geral e do seu bem-estar particular, de modo que o Estado seja preservado do perigo e eles mesmos vivam a salvo no seu lar.

*[Emanado de Galério agonizante em seu leito de morte, após anos de severa perseguição, leva os nomes de seus colegas Constantino e Licínio. O quarto colega, Maximino Daza, governador do Egito e Síria, se negou a assinar.]* (Bettenson, 2007, p. 48).

Com o fim da perseguição aos cristãos pelo decreto de Milão em 313, instituído pelo Imperador Constantino, houve o reconhecimento público dos mártires. Contudo, segundo Almeida (2022, p. 72), com a exclusão das mulheres da hierarquia eclesiástica, conseqüentemente também foram excluídas da santidade e do martírio.

A atribuição às mulheres de práticas discretas e com menor intervenção no culto fez com que ocorresse um esvaziamento do carisma sacerdotal e uma redefinição do lugar ocupado pelas cristãs. Foi então que aconteceu a ascensão das virgens, viúvas e diaconisas, consideradas inofensivas para os círculos episcopais, mas que prestaram grandes serviços ao próprio clero e aos necessitados. A princípio, o grupo de viúvas, assumiu um papel espiritual e caritativo até que se difundiu no monarquismo feminino.

Diante das limitações impostas e da apologia tão forte de uma vida de castidade, as cristãs foram atraídas para a vida celibatária e ascética, ou por vocação ou até mesmo pelo desejo de libertação das obrigações do casamento (Almeida, 2021, p.131).

Se faz necessário citarmos a fala de Aquilina (2018, p. 39): “Nos primeiros tempos, era preciso muita coragem para ser cristão”. O testemunho dessas mulheres, entre outras, demonstraram firmeza e convicção inabaláveis diante da morte; serviram para fortalecer a fé dos cristãos perseguidos e motivar outros a se unirem à Igreja. A postura dessas mulheres mostrou que o Evangelho de Cristo transcendia barreiras culturais e de gênero. Em uma sociedade na qual as mulheres eram frequentemente marginalizadas, o cristianismo as

valorizava como discípulas, missionárias, cooperadoras ativas e testemunhas do Reino de Deus. Assim, seus martírios revelaram a força transformadora do Evangelho, que não faz distinção entre homem e mulher. Em Gálatas 3:28, diz: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

Segundo Aquilina (2018, p. 40), os relatos dos martírios femininos circularam amplamente entre as comunidades cristãs, inspirando fé, conversão e perseverança. E, sem dúvida, essa inspiração ajudou a consolidar o testemunho da Igreja primitiva e contribuiu para o crescimento do cristianismo, mesmo em tempos de intensa perseguição.

Os cristãos ensinavam pela palavra, mas eram mais convincentes por suas ações. Em todos os sentidos, a ação suprema era o martírio, e os cristãos sabiam que suas mortes pregavam o Evangelho. A própria palavra *mártir* significa “testemunha”: o mártir demonstrava ao mundo o que significava ser cristão (Aquilina, 2018, p. 39).

A presença e o testemunho das mulheres nos martírios foram fundamentais para o fortalecimento da fé cristã e, também, para a expansão do Evangelho. Elas não apenas deram suas vidas por Cristo, mas também transmitiram uma mensagem de coragem, amor e fidelidade que ecoa ao longo da história da Igreja cristã.

#### **4.1. PERPÉTUA E FELICIDADE - EXEMPLOS DE FÉ E TESTEMUNHO**

Perpétua e Felicidade, duas mártires cristãs muito importantes na história da fé, são lembradas como exemplos de coragem, fidelidade a Deus e testemunho de fé até o fim. Segundo Almeida (2021, p. 121, 122), sob a perseguição do imperador Sétimo Severo, por volta do ano 203, cinco catecúmenos, cristãos ainda não batizados, foram presos em Cartago, na África do Norte; entre estes presos estavam duas mulheres: Perpétua, com um filho recém-nascido nos braços e Felicidade, sua serva, que estava grávida; o crime pelo qual estavam sendo acusadas era por terem se convertido ao cristianismo.

Segundo Almeida (2022, p. 38), Víbia Perpétua, era uma jovem senhora de 22 anos, casada e pertencente a uma boa família, nobre, bem-educada e possuidora de dons do Espírito Santo; encorajava seus irmãos com seus sonhos e visões, e ao relatá-los encantava pelo vigor e autoridade. Perpétua foi uma das poucas mulheres daquele tempo a deixar registros para as gerações futuras, narrando suas visões e atestando um documento raro e muito importante sobre a presença e a voz feminina; seu diário foi altamente apreciado e copiado inúmeras vezes até chegar aos nossos dias (Almeida, 2022, p. 39). Aquilina (2018, p. 54), diz: “Perpétua é especial

entre os mártires porque escreveu a narrativa do próprio martírio – ou melhor, escreveu tudo até o martírio em si, “mas, quanto ao que acontece nos jogos, quem quiser que escreva isso”.

Ainda que Perpétua estivesse amamentando um bebê e sua serva Felicidade estivesse grávida, o tribunal não lhes demonstrou misericórdia, sendo sentenciadas a ser lançadas às feras (Aquilina, 2018, p. 54). Sobretudo, no período que esteve na prisão, recebia livremente a visita de seu irmão e de seu pai; segundo Almeida (2022, p. 42), o inspetor da prisão prezava os prisioneiros e deixava entrar os irmãos que vinha visitá-los (para consolá-los e serem consolados). O irmão de Perpétua acreditava na fé e comunhão que ela tinha com Deus, e disse para que lhe pedisse um sinal no qual revelasse se ela morreria ou viveria, diante da situação que estava. Plenamente confiante em Deus, e nos sinais espirituais que já havia vivenciado, disse ao irmão que voltasse no dia seguinte e já saberia o que lhe ia acontecer. O sinal foi lhe concedido; no sonho que teve, Perpétua via uma escada dourada que ia da terra ao céu, porém a escada era muito estreita e só subia uma pessoa por vez. De cada lado da escada havia ganchos, adagas, punhais e lanças, deveria subir com muito cuidado e atenção para não ser despedaçado pelos instrumentos; embaixo da escada havia um dragão gigante apavorando os que subiam. Saturo, que era o seu mestre na fé, subia primeiro e a encorajava a subir. Alcançando o topo da escada, ela viu um deslumbrante jardim no qual estava um homem alto de cabelos brancos, vestido de pastor, ordenhando uma ovelha e à sua volta estava milhares de pessoas vestidas de branco. O homem lhe falou: “É bom que tenhas vindo, minha filha. E lhe deu queijo para comer”. Ao fazê-lo todos disseram: Amém!. Perpétua acordou consciente de que havia comido algo doce. Ao relatar o sonho para seu irmão, ambos compreenderam que se aproximava a hora do seu martírio. Almeida (2021, p. 123), diz: “A partir de então, Perpétua despreendeu-se das coisas terrenas, colocando todo seu pensamento na eternidade”.

O pai de Perpétua também foi visitá-la na prisão, com o sofrimento estampado em sua face, beijando-lhe as mãos e ajoelhando-se aos seus pés, em lágrimas, chamou-a de “senhora”, suplicando que se retratasse. Perpétua, cheia de compaixão o consolou (Almeida, 2022, p. 41).

- Meu pai, não se aflija – falou ela. – Só acontecerá o que for da vontade de Deus, nós não dependemos de nós mesmos, senão de sua vontade.

Seu pai retirou-se, então, profundamente triste e abatido. E voltou no dia seguinte de seu interrogatório no tribunal perante o Juiz, levando com ele o netinho. Apartando-a da frente do tribunal, instou com ela:

- Será tu, me diga, tão insensível às desgraças que ameaçam a esta inocente criatura, a quem deste a vida?

O procônsul Hilario, juntando sua voz à do pai dela, perguntou-lhe:

- É possível que os cabelos brancos de teu pai, que vais tornar miserável, e a inocência deste filho, que vais deixar órfão com tua morte, não são capazes de comover-te? Sacrifica somente pela saúde dos imperadores.

Ao que ela respondeu:

- Não sacrificarei.

O juiz, então, pronunciou a sentença pela qual todos foram condenados às feras (Almeida, 2022, p. 42).

Segundo Almeida (2022, p. 42), na véspera do martírio, Perpétua teve sua última visão, revelando-lhe o combate, mas também lhe assegurou a grande vitória. Portanto, compreendeu que combateria, não contra as feras na arena, mas contra o diabo, sobretudo convicta da vitória em Cristo Jesus.

Na véspera do dia marcado para ela entrar na arena, Perpétua teve um sonho nítido no qual, em vez de ser atirada às feras, ela lutava na arena – e vencida – como gladiador. O mais notável no sonho é que ela se vê transformada em homem. O simbolismo da visão parece claro: no martírio, a cristã já não é mulher, como o mundo vê a mulher – isto é, já não é definida por sua “fraqueza” e “dependência”. Em vez disso, assume um papel que o mundo considera reservado aos homens: o papel de herói conquistador (Aquilina, 2018, p. 54).

A escrava Felicidade, que foi presa juntamente com Perpétua, estava grávida de oito meses e às vésperas de ser executada; todos os irmãos em Cristo a consideravam uma companheira amável e honrada, e estavam preocupados devido à situação que se encontrava. Juntaram-se em oração a Deus, em favor de Felicidade e de sua criança, para que desse à luz antes do seu martírio. Enquanto ainda estavam orando, Felicidade entrou em trabalho de parto, porém com muitas dores, por ser prematuro (Almeida, 2022, p. 43). Ainda assim, Almeida relata que o carcereiro a repreendeu dizendo: se agora está atribulada com tantas dores e aflição, como será quando for lançada as feras que lhe despedaçarão? Porém, ela lhe respondeu: “Eu agora estou sofrendo, como uma mulher coitada qualquer, o castigo que Deus impôs no sexo feminino devido ao seu pecado. Mas amanhã sofrerei como uma mulher cristã pela fé e pela confissão de Jesus Cristo”. A filha de Felicidade foi adotada por uma irmã da sua família na fé. Contudo, sua fé estava firmada em Cristo e que ele a fortaleceria para suportar o martírio com alegria.

Chegou o dia do suplício, e os guerreiros de Cristo triunfaram sobre o seu inimigo. Segundo Aquilina (2018, p. 57), brilhava sobre os mártires o dia da vitória, e eles partiram do cárcere para o anfiteatro como se fossem conduzidos para o céu, felizes e corajosos, e se tremiam, certamente era de alegria, não de medo. Perpétua seguia alegremente, como uma verdadeira matrona de Cristo, a tranquilidade de sua alma era visível e contagiava a todos. Felicidade demonstrava grande alegria por ter dado à luz antes do seu combate, assim poderia ser purificada depois de dar à luz com o sangue do seu martírio. Segundo Almeida (2021, p. 125), seguiram louvando para serem açoitadas, juntamente com seus irmãos cristãos; depois foram lançadas as feras selvagens (que pouco mal lhes fizeram). Perpétua e Felicidade foram

atacadas por uma vaca; após o ataque do animal, percebendo que estava descomposta, Perpétua se recompôs e arrumou os cabelos, pois para ela aquele era um dia de festa e não de luto.

A vaca arremessou Perpétua primeiro, que caiu sobre o quadril. Sentando-se ajeitou depressa a túnica no local onde se rasgara, ao lado do corpo, para cobrir as coxas – pois se preocupava mais com a decência do que com a dor. Em seguida procurou o seu grampo e ajeitou os cabelos despenteados. Acreditava que não era adequado morrer com os cabelos soltos, pois, em seu momento de triunfo isso lhe daria o aspecto de mulher de luto (Almeida, 2022, p. 44).

Era de prática habitual levar aqueles que houvessem sido apenas feridos pelas feras ao meio da praça para serem degolados. Contudo, Perpétua e seus companheiros na fé se levantaram e abraçaram-se, selando com ósculo santo da paz e comunhão o final do vosso martírio (Almeida, 2021, p. 125). Porém, Perpétua padecendo com um gladiador inexperiente, ela mesma levou a espada dele em sua própria garganta indicando o lugar onde deveria ser cortada (Aquilina, 2018, p. 60). Almeida (2022, p. 44) diz que as últimas palavras de Perpétua aos seus irmãos foram: “Fiquem firmes na fé, amem-se uns aos outros e não deixem que nosso martírio seja uma pedra de tropeço para vocês”.

Diante do martírio, não há narrativas na qual não esteja assinalada a presença de mulheres. Um célebre exemplo ocorreu em Cártago no ano de 203 quando Felicidade, uma escrava e sua companheira de martírio, a nobre Perpétua, evocam a presença de Cristo naqueles que morrem pela sua fé (Mocellin, 2001, p. 51).

O testemunho de fé de Perpétua e Felicidade é um dos relatos mais comoventes e inspiradores dos primeiros séculos do cristianismo. Ambas demonstraram uma fé inabalável diante da perseguição e da morte, demonstrando uma confiança absoluta em Deus e uma esperança firme na vida eterna em Jesus Cristo. A coragem com que enfrentaram o martírio, sem renegar a fé, mostra que sua fidelidade a Cristo era mais forte do que o medo da dor ou da perda deste mundo. Numa atitude serena e determinada, Perpétua e Felicidade testemunharam que a verdadeira fé vai além das circunstâncias terrenas. Assim, o exemplo delas continua a inspirar cristãos de todas as épocas a viverem com coragem, amor e fidelidade ao Evangelho, mesmo diante das provações.

#### 4.1.1. O LEGADO FEMININO DOS PRIMEIROS SÉCULOS: SEU RECONHECIMENTO NA HISTÓRIA DA VIDA DA IGREJA

Observamos, de modo geral, que o legado feminino dos primeiros séculos do cristianismo tem sido, por muito tempo, pouco reconhecido na história oficial da Igreja. Entretanto, Meyer (2025, p. 149) nos traz a memória que as mulheres estão na gênese, ou seja, na origem da igreja cristã, a contar das seguidoras informais às interlocutoras de grandes mensagens, missionárias, companheiras junto a cruz, testemunhas da ressurreição, estavam presentes no Pentecostes, líderes de igrejas em suas casas, diaconisas, presbíteras, cooperadoras e profetisas. E, mesmo que a liderança oficial da igreja antiga tenha sido constituída por homens; as mulheres foram, significativamente, responsáveis pela manutenção e a expansão do cristianismo.

Nos primeiros séculos, especialmente do I ao III, como supracitado, as mulheres tiveram papel fundamental na difusão do cristianismo. Muitas lideravam igrejas domésticas, acolhiam comunidades, eram propagadoras dos ensinamentos de Jesus e cooperadoras polivalentes em prol da expansão do Evangelho de Cristo. O Novo Testamento cita várias mulheres influentes, como Maria Madalena, Febe (diaconisa), Priscila, Lídia e Júnias (apóstola, segundo Rm 16.7). Havia também mulheres mártires, como Perpétua e Felicidade, cujo testemunho de fé foi memorável.

Os primeiros documentos da igreja, à semelhança dos textos do Novo Testamento, também mostravam essa liderança compartilhada. Na *Carta a Diogneto*, texto do primeiro século, o autor trata homens e mulheres em igualdade de valor, e o documento *Didaquê*, do século 2, também não trata de nenhuma distinção entre os gêneros. Até o século 2 o que podemos inferir é que havia presbíteras, diaconisas e líderes leigas na igreja. Irineu de Lyon (c. 130-202) relata sobre igrejas onde homens e mulheres dirigiam juntos a celebração da Comunhão. A partir do século 2 o texto Tradição Apostólica instituiu a ordenação aos ministérios eucarísticos, excluindo, porém, os solteiros de ambos os sexos e as viúvas de concorrerem ao cargo. O *Didascália Apostolorum* (séc. 3) limita a atividade da mulher na igreja de forma a não causar escândalo em uma igreja que começa a deixar as reuniões nas casas para reunir-se em locais públicos (Meyer, 2025, p. 149, 150).

Com o cristianismo tornando-se religião oficial do Império Romano, a partir de Teodósio, com o edito promulgado em 380 e 381, a estrutura eclesial se hierarquizou e o espaço das mulheres foi progressivamente sendo limitado. Segundo Meyer (2025, p. 150), com a consolidação institucional da Igreja a partir do século IV já não se notam com muita frequência registros de presbíteras; permanecendo ainda as diaconisas, com as atribuições de visitas, assistência às mulheres doentes e idosas, como auxiliares na cerimônia do batismo de mulheres e acolhimento das mulheres na entrada da igreja. Meyer diz: “Ainda assim, o texto do

século 4 *Estatuto dos Apóstolos* <sup>17</sup>exclui as mulheres do ministério da Comunhão, restringindo a atuação das diaconisas às obras assistenciais e sociais”. Documentos da igreja primitiva revelam que as mulheres exerceram funções de liderança reconhecida e foram presentes na construção do cristianismo, porém a mulher foi sendo afastada do “palco” ou de “cena” gradualmente e quase desaparecendo por completo; sua atividade foi sendo limitada aos mosteiros ou como simples membros de igrejas (Meyer, 2025, p. 150). Para Reily (1997, p. 73), normalmente a intenção dos cânones, que são o conjunto de regras conciliares, da igreja tradicional, foi regulamentar e restringir a atividade das mulheres, especialmente das diaconisas.

Contudo, Almeida (2021, p. 137) relata que, virgens consagradas, celibatárias mães do deserto, monjas e fundadoras de mosteiros continuaram a exercer influência espiritual e social, como: Ana Sinclética, uma guia espiritual do deserto; Marcela, teóloga e mestra, também líder de uma comunidade de mulheres em Roma; Macrina, a mestra fundadora do monasticismo oriental, irmã de Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa (irmãos capadócijs). Sobre Macrina, Almeida (2021, p. 168) diz: “A vida de Macrina rendeu uma das primeiras biografias cristãs e foi escrita, em forma de carta, por seu irmão Gregório de Nissa, que reconhecia seu valor como mestra e líder de um monastério de mulheres, considerando-a um modelo de vida a ser imitado”. Essas mulheres legaram seus ensinamentos que doutrinam e encoraja à comunhão com Deus. Meyer (2025, p. 151), afirma: “Apesar disso, muitas mulheres deixaram seu testemunho vivo e escritos teológicos que influenciaram e influenciam a igreja até os dias atuais”. As mulheres não se acovardaram diante da crítica depreciativa, muito pelo contrário, demonstraram com suas ações que seu sexo não as impedia de servir a Cristo e ao seu Reino. Se faz necessário deixarmos registrado nesse tópico uma pergunta lançada por Almeida (2021, p. 226): “Onde estavam as mulheres quando os primeiros cristãos defendiam sua fé com a própria vida, escreviam tratados apologéticos e redigiam as primeiras regras da religião?” A resposta autêntica para essa pergunta é: “Elas estavam no meio deles, fazendo parte do movimento”.

Segundo Meyer (2025, p. 151), no século XII surgiram novas ordens religiosas, como o movimento das Beguinhas, formado por mulheres nos Países Baixos (atualmente Bélgica e Holanda), eram dedicadas à oração e às boas obras, sem votos monásticos, podiam casar-se e não precisavam renunciar suas propriedades; os Cátaros, na Europa ocidental, consideravam

---

<sup>17</sup> Documento eclesiástico do século IV, também conhecido como “*Constituições Apostólicas*”, aborda a questão das mulheres em funções de liderança na Igreja. Também compunham instruções sobre a organização da Igreja, a liturgia e a disciplina eclesiástica. As principais disposições e proibições sobre as funções femininas eram: proibições de funções litúrgicas, ordenação e hierarquia (limitando o ministério ordenado aos homens) (Meyer, 2025, p. 149, 150).

homens e mulheres igualmente capacitados para exercerem a liderança espiritual, pois defendiam que o Espírito Santo podia agir livremente tanto em homens como em mulheres, já que não tem gênero. Porém, ambos foram considerados heréticos e perseguidos pela Inquisição<sup>18</sup>, e aos poucos deixaram de existir. As dominicanas e as Clarissas Pobres, sob uma liderança masculina, puderam permanecer em sua devoção. Segundo Meyer (2025, p. 153), o século XII, foi marcado pelo avanço dos movimentos religiosos femininos, e houve uma crescente busca por parte das mulheres de origem nobre ou mesmo plebeias, de origem comum, pois a opção pela vida celibatária libertava as mulheres do poder patriarcal familiar, possibilitando-lhes o acesso ao estudo, mesmo sob a autoridade religiosa masculina. A ordem de Cister, fundada por um grupo de monges beneditinos, estendeu-se também para os mosteiros femininos, muitos deles eram protegidos e ligados à alta nobreza; esses mosteiros femininos, esporadicamente, contavam com o apoio de monges e abades que não partilhavam da visão misógina de outros participantes da ordem, como Pedro Abelardo, defensor da liderança feminina; ajudou as monjas beneditinas de Argenteuil que haviam sido expulsas de sua abadia que passara a ser destinada somente para homens. Abelardo doou a propriedade, que se tornou um mosteiro feminino com regras próprias, administrada pela abadessa Heloísa, que dispunha de grande poder e deliberava sobre questões pertinentes, assim como os abades (Meyer, 2025, p. 152).

Havia as ordens mistas, que abrigava monges e monjas na mesma abadia, em especial a de Fontevault, na França, que era administrada por uma abadessa, imprescindivelmente viúva, que presidia sobre três casas religiosas: uma para virgens e viúvas da nobreza, outra para mulheres penitente e, a terceira uma casa masculina. Segundo Meyer, esse é mais um exemplo da diversidade da vida religiosa feminina e do exercício de liderança feminina dentro das ordens. No entanto, com o aumento da participação feminina nas ordens, repete-se a visão misógina, preconceituosa, contra a mulher na administração de cargos religiosos, criando restrições que dificultasse sua ação com maior liberdade e submissão institucional masculina. Sobre esse assunto, Meyer (2025, p. 152, 153) diz:

Ao mesmo tempo que a participação feminina nas ordens aumentava, seu cerceamento também ia se institucionalizando, reforçando a clausura, limitando ao máximo o contato das religiosas com o mundo secular e regulando inclusive as possibilidades de

---

<sup>18</sup> Em 1179, o Terceiro Concílio de Latrão decretou a perseguição sistemática dos “hereges”. A bula *Licet ad Capiendos*, que marcou verdadeiramente o início da Inquisição, foi dirigida aos dominicanos, chamados pelo povo de “os cães de Deus” (*domini canes*) e que receberam toda autoridade para procederem sem piedade contra todo aquele que caísse em suas mãos. Inquisidores tinham poder sobre as autoridades civis, que deviam fazer o juramento de defender a igreja da heresia e de proteger o inquisidor durante o exercício de suas funções. (Almeida, 2011, p. 176, 177, 178).

confessar. As vozes misóginas ganhavam cada vez mais espaço e sob a desculpa de proteção, a ingerência sobre a vida religiosa feminina aumentou muito no século 13. A clausura tornava as religiosas absolutamente dependentes da boa vontade de seus patronos laicos e religiosos, assim como de procuradores que deveriam gerir seus bens. Sem autonomia e sem a possibilidade de romper a clausura, tornava-se muito mais fácil controlar a prática religiosa feminina impondo sérios limites à independência dos mosteiros de mulheres (Meyer, 2025, p. 152, 153).

No século XIII houve a institucionalização da clausura religiosa, submetendo as monjas às normas definidas e controladas pela Igreja, com o objetivo de promover recolhimento, espiritualidade e separação do mundo secular, tornando as religiosas totalmente dependentes do sistema religioso patriarcal, ou seja, uma estrutura religiosa na qual os homens detêm o poder e a autoridade, dominando papéis de liderança e influência sobre as mulheres. Meyer (2025, p. 153), relata que foram atribuídas às mulheres a incapacidade por às considerarem fracas e ameaçadoras, a si própria; motivo pelo qual deveriam ser tuteladas por um homem. Meyer, ressalta: “Restava às mulheres a submissão e o silêncio e, no caso das religiosas, a clausura”. Segundo Almeida (2023, p. 37), além disso, a incriminação pela queda e o pecado original estava atribuído exclusivamente sobre a mulher, numa interpretação do livro de Gênesis; transformando a mulher num símbolo de desprezo e sedução, características associadas à serpente. A figura feminina representava Eva e, a serpente, um ser da tentação e do mal. Assim criam, pregavam e escreviam os clérigos escolásticos e demais eruditos da época. Para Almeida (2023, p. 40), uma contraposição a essa visão foi a comparação da mulher a Maria e não a Eva, produzindo uma certa moderação nessa triste representação feminina; no entanto, não foi suficiente para mudar a realidade da mulher.

O pecado de Gênesis, conhecido como pecado de orgulho, torna-se na Idade Antiga e Média um pecado sexual. E a mulher, que se tornou culpada por esse pecado, ocupou o lugar inferior, pois tem o corpo como base. A mulher paga com sua própria carne o pecado que foi transformado pelos clérigos em pecado sexual. Mesmo a fecundação passou a ser atribuída exclusivamente ao sexo masculino (Almeida, 2023, p. 39).

Como diz Almeida (2023, p. 40): “Reconhecendo as grandes dificuldades para trazer à memória esse tema, é importante observar que, na Idade Média, um período carregado de tantos preconceitos, houve uma rica produção feminina e um importante exercício de autoridade pelas mulheres”. As mulheres foram referências na Teologia, na Medicina, nos negócios, na poesia, na Pedagogia; elas falaram e escreveram, e suas falas e seus textos foram instrumento para transmitir conhecimento.

Segundo Meyer (2025, p. 153), o século XVI também contemplou novas reformas religiosas que motivou a atuação das mulheres na Igreja. Martinho Lutero apresentou uma

igualdade de oportunidades às mulheres quando tratou a liberdade como algo espiritual e a alma como esfera da liberdade e da graça, justificada pela fé; conquistada através de Cristo, liberta o cristão dos jugos da lei. Almeida (2010, p. 24) reforça que além da Reforma, que foi um movimento espiritual e da religião, o século XVI presenciou a renascença cultural, um movimento intelectual e das artes; foram dois grandes movimentos que marcaram o século, e promoveram um rompimento com o passado. A abertura para novos caminhos e a ruptura com os antigos conceitos e dogmas tornou-se urgente. Para Meyer (2025, p.153), os teólogos na Reforma possibilitaram um pouco mais de liberdade à atuação religiosa da mulher, oportunizando a existência de teólogas protestantes na pregação, no ensino e na produção de literatura teológica, como as obras de Margarida de Navarra, intituladas de *Heptameron*, um livro de contos escrito por Margarida entre 1544 e 1548, *Les Marguerites de Marguerite des princesses* (As Pérolas da Pérola das Princesas), *Le miroir de l'ame pécheresse* (O espelho da alma pecadora) (Almeida, 2010, p. 158). Contudo, Almeida (2010, p. 17), retrata que a maior parte dos historiadores modernos que discorrem, tratando da Reforma raramente mencionam as mulheres, e poucos os estudos sociais que tentam analisar o papel da mulher nas mudanças religiosas produzidas no XVI.

Vozes femininas ergueram-se em defesa de uma oportunidade para falar e escrever sobre sua fé. A carta de Marie Dentiere e a obra de Margarida de Navarra são exemplos disso. Elas foram, entre outras, mulheres que tiveram algo a dizer em relação à sua crença cristã.

Margarida foi uma mulher do século XVI que registrou suas ideias e crenças, algo raro à época e importante de ser destacado hoje, quando se procura escrever uma história inclusiva que abrange a mulher múltipla. Ela teve muitas faces e desempenhou vários papéis: foi filha, irmã, esposa e mãe, foi embaixatriz, governante, princesa e rainha; foi humanista e humanitária; foi defensora do saber e da purificação da igreja; foi contista e poetisa, mas acima de tudo foi cristã (Almeida, 2010, p. 194, 197).

No século XVII, Meyer (2025, p. 154), diz que as mulheres foram as principais idealizadoras de instituições de apoio ao trabalho missionário; além disso, até os dias atuais elas representam a maioria entre os grupos de missionários no mundo inteiro. Contudo, só a partir do século XVIII as mulheres foram admitidas oficialmente aos cargos sacerdotais nas igrejas metodistas e o século XIX presenciou o surgimento de duas grandes instituições evangélicas sob a liderança feminina, a Igreja Adventista do Sétimo dia com Ellen Gould White (1827-1915) e Igreja do Evangelho Quadrangular com Aimee Semple McPherson (1890-1944), igrejas fundadas por mulheres que se expandiram por todo o mundo e sobrevivem até os dias atuais. Somente a partir do século XX, igrejas tradicionais como as Anglicanas e Luteranas, aceitaram mulheres em cargos de liderança. Meyer (2025, p. 154, 155), ainda relata que a

campanha ocorrida nos Estados Unidos, entre os anos 1960 e 1970, para expandir o direito da mulher à igualdade de oportunidades, motivou às mulheres a buscarem os seminários para um preparo teológico formal. No entanto, um diploma de seminário nem sempre garantia às mulheres a função de líderes eclesiais ordenadas e assalariadas. Meyer diz: “Restava-lhes a prática do ensino nas Escolas Dominicais e o auxílio ao esposo, muitas vezes também formado em um seminário e ordenado pastor”. Ainda que existam pastoras, presbíteras e diaconisas em diversas igrejas protestantes, em certas partes do mundo, muitas igrejas ainda são contrárias a ordenação feminina e ocupação de cargos de liderança. Mas, apesar das diferenças, cada vez mais as mulheres têm buscado seminários para o preparo teológico ou uma pós-graduação com especialidades em Teologia ou Ciência da Religião. Segundo Meyer (2025, p. 155), atualmente nos Estados Unidos, um quinto da liderança oficial das principais denominações protestantes é exercido por mulheres, e nas denominações evangélicas conservadoras que permitem a ordenação feminina o percentual de mulheres ordenadas aumentou para 10%.

Segundo Silva (2022, p. 115), mesmo que o Movimento de Jesus <sup>19</sup>tenha dado abertura às mulheres, ele evoluiu para um formato patriarcal privilegiadamente masculino, especialmente desde que o Cristianismo se tornou religião oficial do Império Romano. Silva ainda diz: “A repetição da mesma dogmática patriarcal, a recusa da hermenêutica feminista da Bíblia e da Teologia desenvolvida na atualidade por muitas mulheres segue mantendo a mesma lógica do privilégio masculino”. Sendo assim, o legado feminino não tem frutificado ao longo dos séculos do cristianismo, pois tem sido desprezado e esquecido, e continuamente sendo substituído pela imponência masculina que negligencia à valorização devida ao ser Mulher. Assim, seguem as mulheres, sucessivamente, no mesmo silêncio e ocultamento (Silva, 2022, p. 116).

Como as mulheres seguiram Jesus? E por que elas não aparecem ao longo da história do Cristianismo com sua contribuição específica valorizada? Por que foram proibidas de serem reconhecidas como apóstolas, discípulas e ocupar cargos de autoridade nas comunidades cristãs? Por que seguem impossibilitadas de representar publicamente Jesus nas Igrejas?

Muitas perguntas surgem a esse respeito e vale abrir de forma breve algumas hipóteses.

Sabemos bem que a fonte da autoridade das comunidades cristãs desde sua formação inicial está na afirmação testimonial de *ressurreição* de Jesus e nesse sentido a importância das testemunhas, daquelas que o viram, falaram com ele e afirmaram que

---

<sup>19</sup> Trata-se da ação inclusiva das mulheres no ministério terreno de Jesus. Em contraste com as normas patriarcais predominantes na sociedade judaica e romana da época. Jesus desafiou o sistema de normas, dos costumes sociais e religiosos, tratando as mulheres com dignidade e respeito, integrando-as ativamente em seu ministério; mesmo após sua morte, concede-as o legado testemunhal da ressurreição, primeiramente a Maria Madalena, e as outras mulheres (Silva, 2022, p. 115, 116).

estava vivo. Tal evento foi capital para a evolução do Cristianismo. Mas como o viram? Esta foi a experiência e o legado de algumas mulheres e entre elas de Maria Madalena. Porém, esse legado não deu muitos frutos em vista da acolhida das mulheres ao longo dos séculos de Cristianismo. O que deu fruto foi a figura de Pedro que também segundo está escrito e à seu modo foi testemunha da ressurreição e se tornou por isso a autoridade de referência e representação oficial da Igreja. E Pedro segue sendo “a grande testemunha” e segue também o esquecimento das mulheres e especialmente de Maria Madalena, uma figura tão próxima de Jesus (Silva, 2022, p. 115, 166).

Portanto, compreendemos que o legado feminino dos primeiros séculos foi historicamente subestimado. Contudo, à luz dos fatos sociais e históricos, não podemos deixar de reaver a participação ativa das mulheres no decorrer da implantação e desenvolvimento do cristianismo, estando elas presentes e reconhecidas nos Evangelhos, no livro de Atos e nas cartas paulinas como líderes de igrejas em suas casas, cooperadoras, mestres, diaconisas, profetisas e presbíteras. Mulheres que utilizaram, e continuam utilizando, seus dons na ação social, no ensino, e no cuidado para com os necessitados. Elas foram testemunhas, líderes, missionárias, mártires e teólogas; influenciaram e contribuíram na construção e desenvolvimento do cristianismo nascente e, continua contribuindo até os dias de hoje.

Contudo, o reconhecimento público da atuação da mulher na igreja e na sociedade continua sendo um desafio a ser superado.

#### **4.1.2. MULHER: UMA PRESENÇA VITAL NA IGREJA DE ONTEM E HOJE**

A história da Igreja é entrelaçada pela presença forte, corajosa, altruísta e perseverante das mulheres. Desde os primeiros capítulos da fé cristã, elas têm se destacado como discípulas, evangelistas, guardiãs da esperança e testemunhas do Evangelho de Cristo. Enquanto muitos as consideravam secundárias e até mesmo desnecessárias, Deus as colocou no centro dos acontecimentos mais decisivos da história do cristianismo.

Desde o início da igreja, originária de Jesus, encontramos mulheres que sustentaram a missão com coragem e fé. Segundo Silva (2022, p. 268), não podemos deixar de citar essa mulher extraordinária, Maria, escolhida para ser a mãe de Jesus, com sua presença vital, contribuindo com a gestação do cristianismo; apresentada pelo evangelista Lucas, como uma mulher comum, passando por todo o processo de ser mãe, mas como uma completa discípula/seguidora de Jesus. Aquela que, além de ouvir, guarda no coração e faz frutificar as palavras de Cristo. Muitas mulheres foram protagonistas na evangelização, na administração, no sustento material e espiritual, na liderança etc. abrindo caminhos para o Reino de Deus florescer. Como diz Almeida (2021, p. 96), essas mulheres impactaram a sociedade antiga através

da sua fé em Cristo e na sua determinação em atuar a favor do Reino de Deus. Mesmo num mundo cheio de contradições.

No Novo Testamento constatamos uma forte presença de mulheres. Elas têm lugar de destaque na organização social, política, econômica e religiosa das comunidades cristãs, embora apareça, muitas vezes ao lado de homens e a interpretação que se faz a respeito delas, nem sempre tenha sido positiva. Muitas mulheres foram consideradas como prostitutas, rebeldes e pecadoras na medida que se destacava. (Silva, 2022, p. 268).

Ao longo dos séculos, a presença feminina continuou vital. Testemunhas, mártires, teólogas, missionárias, religiosas, leigas, cada uma, em seu tempo, fez resplandecer o rosto “materno” e misericordioso de Deus. Mulheres que, movidas pelo Espírito Santo, criaram obras, sustentaram comunidades, promoveram dignidade e levaram a Igreja a lugares onde muitas vezes poucos estavam dispostos a ir. Segundo Almeida (2021, p. 227), como cristãs e cidadãs do céu, provaram ao mundo sua vocação espiritual: entregando seus corpos a morte física, no cuidado aos pobres, doando seus bens à caridade e à igreja, na oração pela conversão de seus familiares, no auxílio aos teólogos cristãos, com o suporte financeiro, nas traduções e interpretações bíblicas; mulheres que influenciaram e contribuíram na construção e desenvolvimento do cristianismo nascente e, continuam contribuindo até os dias de hoje.

A mulher desde o início dos tempos sofre por questões de gênero. E, infelizmente, como relata Silva (2022, p. 278), ainda, nos dias atuais, a mulher é vista como inferior se comparado aos homens e, frequentemente é vítima de violência, a contar de agressões verbais até torturas e morte. Sobretudo, mesmo com as dificuldades enfrentadas vem alcançando espaços e direitos em alguns lugares no mundo; no Brasil por exemplo, a Lei Maria da Penha (lei nº 11.340/2006) e a Lei do Femicídio (lei nº 13.104/2015, art. 12). Fato é, que a condição social da mulher tem mudado bastante, principalmente após a chamada Revolução Feminista da década de 1960.

A evidência me mostra o rastro de pecado e destruição deixado na esteira dos ensinamentos que colocam as mulheres sob o poder dos homens. Evidências me mostram, ao longo da história, as mulheres que sempre souberam a verdade sobre o patriarcado e que sempre acreditaram que Jesus liberta as mulheres. Então vou dar minha palavra final. Não é hora de todas nós sermos livres?  
Jesus libertou as mulheres há muito tempo.  
Não está finalmente na hora de os cristãos evangélicos fazerem o mesmo?  
Vão, sejam livres! (Barr, 2022, p. 246, 260).

As mulheres, hoje, são possuidoras das mesmas competências, habilidades e características das mulheres da igreja antiga/primitiva e, continuam representando a maioria dos fiéis nas igrejas cristãs em geral. Contudo, diz Meyer (2025, p. 157), nos últimos dois

séculos, houve mudanças quanto à posição cultural, social e institucional da mulher e a igreja não pode deixar de levar em conta essas mudanças; compreendendo que homens e mulheres foram criados em igualdade perante Deus e da mesma maneira resgatados em igualdade diante o sacrifício de Jesus Cristo. Sabiamente, Meyer diz: “A igreja cristã que percebe e se apropria do valor da mulher em seus diversos ministérios é uma igreja muito mais próxima de suas origens e, assim, muito mais próxima de Cristo”.

Como supracitado, na atualidade é crescente a busca por seminários para o preparo teológico ou uma pós-graduação com especialidades em Teologia ou Ciência das Religiões por mulheres. Segundo Meyer (2025, p. 155), nos Estados Unidos um quinto da liderança oficial das principais denominações protestantes é exercido por mulheres nos dias atuais, e nas denominações evangélicas conservadoras que permitem a ordenação feminina o percentual de mulheres ordenadas aumentou para 10%. Sendo assim, esses aumentos representam um crescimento real na aceitação as mulheres como líderes reconhecidas.

No Concílio do Vaticano II, que aconteceu de 1962 a 1965, presidido por João XXIII, Papa da Igreja Católica Romana, convocou uma mulher para a comissão preparatória do concílio. Segundo Meyer (2025 p. 156), desde então a Igreja Católica vem se mobilizando internamente quanto ao reconhecimento das mulheres no serviço religioso leigo (atividades e ministérios exercidos por fiéis batizados que não fazem parte do clero oficial) e ordenado. Ainda na direção do Papa Francisco, algumas mudanças foram realizadas: nomeação de mulheres para cargos importantes em diferentes áreas da Santa Sé, incluindo a primeira mulher a liderar um ministério no Vaticano, a irmã Simona Brambilla, em janeiro de 2025; também, foi instituído uma comissão para estudar o diaconato feminino e a mudança do texto do Código de Direito Canônico tornando institucional o acesso das mulheres ao serviço da palavra e do altar. Por sua vez, a Igreja Católica Ortodoxa, em 2016 e 2017, decidiu restaurar o diaconato feminino, porém ainda segue sob muitas controversas para sua aceitação e formalização dentro da instituição.

Quanto ao judaísmo contemporâneo, duas correntes aceitam mulheres como rabinas: os judeus conservadores<sup>20</sup>, que tem posição mais flexíveis, de modo que existem mulheres rabinas desde 1985; os judeus liberais ou reformistas<sup>21</sup>, que defendem o rabinato feminino desde 1972;

---

<sup>20</sup> Os judeus conservadores são mais flexíveis, ao contrário dos ortodoxos, permitem a crítica textual bíblica, desde que não toque em pontos tidos como essenciais. Buscam conservar o máximo do passado, porém dentro de limites, relativizando alguns procedimentos (Enciclopédia do Estudante/Religiões e Cultura, 2008, p. 177, 205).

<sup>21</sup> Os judeus liberais ou reformistas são racionalistas, buscam adaptar o judaísmo ao mundo contemporâneo e de modo completo, aceitando o contexto laico dos estados em que vivem e a moral comum, fazendo do judaísmo uma prática privada (Enciclopédia do Estudante/Religiões e Cultura, 2008, p. 177, 205).

no judaísmo ortodoxo o assunto ainda encontra resistências. Às igrejas protestantes tradicionais, algumas já aceitam o ministério ordenado ou que cargos de liderança sejam exercidos por mulheres. Nas igrejas anglicanas tornou-se uma tendência global a ordenação de mulheres desde 1970, porém no Brasil a primeira Reverenda ordenada foi em 1985 (Enciclopédia do Estudante/Religiões e Cultura, 2008, p. 177, 205).

Contudo, desde 1999 a IPI - Igreja Presbiteriana Independente do Brasil<sup>22</sup>, atribui a ordenação feminina ao presbiterato e ao pastorado. Já a IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil<sup>23</sup>, existem mais de 350 ministras ordenadas: pastoras, catequistas, diaconisas e missionárias, desde sua primeira ordenação pastoral em 1982. A Igreja Metodista<sup>24</sup> aprovou o sacerdócio feminino no Brasil em 1970, enquanto a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil<sup>25</sup> (OPBB), entidade ligada à Convenção Batista Brasileira (CBB), recebeu a primeira mulher como membro pastoral em 2014. Dentre as igrejas pentecostais, a Igreja do Evangelho Quadrangular<sup>26</sup>, fundada por uma mulher (Aimée Mcperson) nos Estados Unidos em 1922, pratica a ordenação de mulheres no Brasil desde sua chegada em 1952. Sendo que a Igreja Assembleia de Deus<sup>27</sup>, maior denominação pentecostal do Brasil, apesar de ser amplamente reconhecida por seus ministérios de oração e visitação sempre liderados por mulheres, só passou a ordenar mulheres a partir de 2011.

Segundo Silva (2022, p. 278), somente a partir do século XX a mulher começou a ter concessão à educação, contudo, inicialmente aquém em relação aos homens, e na década de 1960 seu trabalho ainda não tinha classificação reconhecida dentro dos setores industriais. Sendo assim, a participação feminina não chegou ao seu ápice, pois ainda nos dias atuais a mulher é vista como inferior ao homem. Para Silva, essa herança vem da sociedade antiga, em que as mulheres foram marginalizadas e vista como um ser inferior e incapaz, dependente do homem. A mulher foi educada para ser do lar e o homem para ser o seu senhor, e, ou dono;

---

<sup>22</sup> Assunto: Ordenação Feminina no Brasil. Disponível em: <https://www.fatipi.edu.br/post/educacao-teologica-e-ordnacao-de-mulheres/>. Acessado em: 22/11/2025.

<sup>23</sup> Assunto: Ordenação Feminina no Brasil: <https://legado.luteranos.com.br/noticias/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres/>. Acessado em: 22/11/2025.

<sup>24</sup> Assunto: Ordenação Feminina nas Igrejas: <https://aliancaevangelica.org.br-a-lideranca-feminina-na-experiencia-das-igrejas-locais-e-tema-da-proxima-live-de-dialogos-de-esperanca/>. Acessado em: 22/11/2025.

<sup>25</sup> Assunto: Ordenação Feminina nas Igrejas Batistas no Brasil: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/batistas-abrem-espaco-para-que-mulheres-sejam-bpastorasb.html/>. Acessado em: 22/11/2025.

<sup>26</sup> Ordenação Feminina nas Igrejas: <https://aliancaevangelica.org.br-a-lideranca-feminina-na-experiencia-das-igrejas-locais-e-tema-da-proxima-live-de-dialogos-de-esperanca/>. Acessado em: 22/11/2025.

<sup>27</sup> Ordenação Feminina nas Igrejas: <https://aliancaevangelica.org.br-a-lideranca-feminina-na-experiencia-das-igrejas-locais-e-tema-da-proxima-live-de-dialogos-de-esperanca/>. Acessado em: 22/11/2025.

enquanto ainda na casa dos pais, sua primeira família, era utilizada para servir o pai ou o irmão mais velho e, ao se casar passava a servir o marido, o qual exercia sobre ela a sua autoridade “masculina”.

Entretanto, essa calamidade atual, a qual, promove tantos prejuízos: desigualdade de gênero, limitação de oportunidades, problemas relacionados a saúde emocional, violência física e psicológica etc. em relação a mulher, ainda acontece por conta dessa herança culturalmente machista. E, por essa razão, debates a respeito das condições de trabalho do proletariado feminino só foi adquirir força junto aos movimentos feministas à proporção em que as transformações sociais e políticas foram acontecendo, como as guerras mundiais que forçaram, progressivamente, a entrada das mulheres no universo público (Silva, 2022, p. 279). Atualmente, as mulheres vêm ganhando um pouco mais de espaço em todos os setores, porém ainda distante do ideal. Segundo Silva, na esfera religiosa as mulheres continuam fazendo parte do movimento das igrejas, desempenhando um papel muito importante no registro desses acontecimentos (pastorais, ministeriais) sendo grandes colaboradoras e, até mesmo, liderando e coordenando trabalhos; comprovando capacidade, perseverança, fidelidade, e provavelmente, até mesmo uma liderança maior do que muitos homens. Servir faz parte do caráter da mulher, mas o serviço cristão é muito mais do que isso.

Muitas mulheres buscam em Maria inspiração para transformar a sua dura realidade. Tem uma música que se tornou um hino do movimento feminista ao ser interpretada por Elis Regina. A música *Maria Maria* relata a vida de uma mulher marcante, trabalhadora e guerreira, que têm ideias e dificuldades, e que mesmo assim não desanima, têm fé na vida para alcançar seus desejos, sonhos e objetivos. O nome “Maria” é um nome popular e entende-se que o autor se refira a todas as mulheres que trazem no nome uma marca. São mulheres fortes, perseverantes e batalhadoras, assim como foi Maria, a mãe de Jesus (Silva, 2022, p. 279).

Concluiremos esse tópico com a fala de Meyer (2025, p. 157), bem apropriada para nossa reflexão: “É mais do que chegada a hora de todas as igrejas cristãs reconhecerem o potencial da mulher e como esse potencial pode ser valioso para a promoção do Reino de Deus neste mundo”.

Reconhecer essa presença vital é mais que olhar para o passado; é compromisso com uma Igreja mais sinodal, unida, que “caminha junto”, que promove a unidade na diversidade para a missão de anunciar o Evangelho; participativa e justa, onde os dons e talentos de todos, homens e mulheres, são acolhidos como graça do Espírito Santo. A Igreja de hoje precisa ouvir mais as mulheres, aprender com sua maneira de ver o mundo, valorizar seus carismas e abrir espaços onde sua presença e voz possa frutificar ainda mais. A mulher é, e sempre foi, sopro de

vida na Igreja. Ontem, hoje e sempre, sua presença não é acessória, mas essencial. E a história continua sendo escrita por suas mãos, seu coração e sua fé que transforma e inspira.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo revela um legado consistente, profundo e crucial para a formação da fé cristã, assim como para o desenvolvimento e consolidação da Igreja nascente. Apesar de muitas vezes silenciadas pelo tradicionalismo e limitadas pelas estruturas patriarcais que se intensificaram com a institucionalização da religião, as mulheres estiveram presentes desde o início, exercendo funções essenciais que contribuíram para o crescimento, organização e espiritualidade das primeiras comunidades cristãs, assim como nos dias atuais.

O estudo demonstrou que a igreja nascente foi inclusiva; no ministério de Jesus, as mulheres foram acolhidas, valorizadas e integradas como discípulas, seguidoras e anunciadoras dos seus ensinamentos. A postura de Cristo em relação a elas rompeu paradigmas culturais de sua época, elevando o valor humano e espiritual da mulher, abrindo caminho para sua participação ativa na missão cristã. Os relatos do Novo Testamento evidenciam a presença de mulheres que serviam, financiavam com os seus bens o ministério de Jesus e dos apóstolos, lideravam igrejas domésticas e testemunharam a ressurreição, eixo central da fé cristã. Figuras como Maria Madalena, Lídia, Priscila, entre outras, demonstram que a liderança feminina não foi exceção, mas parte integrante da vida comunitária cristã.

Além disso, os testemunhos das mártires, como Perpétua e Felicidade, evidenciam a coragem e a firmeza espiritual de mulheres que, mesmo diante da perseguição e da morte, mantiveram-se fiéis a Cristo, fortalecendo a fé das comunidades e inspirando gerações futuras.

Contudo, com o avanço histórico e a oficialização do cristianismo no Império Romano, observou-se uma redução progressiva, seguindo para segregação do espaço institucional feminino a partir do século IV, resultado de uma cultura patriarcal e da crescente hierarquização e clericalização da Igreja. Portanto, ainda hoje, vivenciamos essa herança cultural que vem da sociedade antiga, em que as mulheres foram marginalizadas e vistas como um ser inferior e incapaz. Todavia, mesmo o legado feminino na história da igreja cristã sendo plausível, ainda assim é pouquíssimo valorizado e reconhecido ao longo dos séculos. Uma possível resposta a esta problematização é que no século em que vivemos, num ambiente pós-moderno, ainda encontramos, não somente na tradição, mas também dentro do ciclo religioso protestante/evangélico a repetição dessa segregação com a mulher cristã que expressa seu dom na espiritualidade e intelecto na carreira cristã. A mulher cristã continuou ao longo da história sendo participativa, intimamente, no desenvolvimento e crescimento do Reino de Deus. Sendo

assim, devemos reconhecer sua importância e legitimidade, proporcionando um espaço inclusivo, saudável e respeitoso no ambiente religioso.

Portanto, concluímos que a presença e contribuição feminina na igreja antiga foi essencial, e continua sendo nos dias atuais; não apenas como parte da história da Igreja, mas constitui um elemento estruturante da própria identidade cristã. Reconhecer e valorizar essa atuação é fundamental não apenas para uma compreensão mais justa da história, mas também para iluminar debates contemporâneos sobre participação, liderança e igualdade de gênero no contexto religioso. O resgate dessa memória não reescreve apenas o passado, também aponta caminhos possíveis para uma vivência cristã mais coerente com os valores de dignidade, amor e inclusão presentes no Evangelho de Cristo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rute Salviano. **Teólogas da igreja medieval**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Mártires cristãs: mulheres que deram a vida por amor a Jesus**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do cristianismo: Império Romano, igreja cristã, perseguição e papel feminino**. Viçosa: Ultimato, 2021.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição**. São Paulo: Hagnos, 2011.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina na Reforma**. São Paulo: Hagnos, 2010.

AQUILINA, Mike. BAILEY, Christopher. **Madres da igreja: o testemunho das cristãs primitivas** / tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

ARRUDA, Lúcia F. **Mulheres na vida de Paulo: a história de Lídia, Priscila e Febe**. São Paulo: Paulus, 2019.

BARR, Beth Allison. **A construção da feminilidade bíblica: como a submissão das mulheres se tornou a verdade do evangelho** / tradução Elis Regina Emêrencio. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

BETTENSON, Henry. **Documentos da igreja cristã** / tradução Helmuth Alfred Simon. São Paulo: Aste, 2011.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliainline.com.br/>. Acessado em: 08/10/2025.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã** / tradução Israel Belo de Azevedo, Waldemar Kroker. 3ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

COMBY, Jean. LEMONON, Jean-Pierre (org). **Vida e religiões no Império Romano: no tempo das primeiras comunidades cristãs**. Paulinas, 1988.

Enciclopédia do Estudante. **Religiões e cultura: crenças e mitologias de todas as civilizações** / tradução Yone de Carvalho, Rafael Rodrigues da Silva, Pedro Lima Vasconcellos; editor Oscar Pilagallo Filho. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2008.

FABRIS, Rinaldo. GOZZINI, Vilma. **A mulher na igreja primitiva**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FERREIRA, Joel Antônio. **Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2023.

FOXE, John. **O livro dos mártires** / tradução Almiro Pissetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**; tradução João Marques Bentes, Fabiano Medeiros, Valdemar Kroker. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HILL, Andrew E. **Panorama do Antigo Testamento** / Andrew E. Hill, John H. Walton; tradução Lailah de Noronha. São Paulo: Editora Vida, 2007.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário** / tradução M. Cecília de M. Duprat; revisão Honório Dalbosco. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

KOSTENBERGER, Andreas J. **Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa** / Andreas J. Kostenberger, L. Scott Kellum, Charles L. Quarles; tradução de Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.

MACARTHUR, John. **Doze mulheres extraordinariamente comuns: como Deus moldou as mulheres da Bíblia, e o que ele quer fazer com você** / tradução Maurício Bezerra Santos Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho**; tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MEEKS, Wayne A. **O mundo moral dos primeiros cristãos**; tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

MEYER, Lídice. **A espiritualidade das mães do deserto**. Universidade Lusófona, 2025. Disponível em: [https://cursos.lusofona-x.pt/courses/course-v1:LusofonaX+EMD+2025\\_00/course/](https://cursos.lusofona-x.pt/courses/course-v1:LusofonaX+EMD+2025_00/course/). Acesso em: 05/04/2025.

MEYER, Lídice. **Cristianismo no feminino: a presença da mulher na vida da igreja**. 1ª. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2025.

MOCELLIN, Renato. **As mulheres na antiguidade**. Editora do Brasil, 2001.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**; tradução Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001.

Ordenação Feminina no Brasil. Disponível em: <https://www.fatipi.edu.br/post/educacao-teologica-e-ordenação-de-mulheres/>. Acessado em: 22/11/2025.

Ordenação Feminina no Brasil: <https://legado.luteranos.com.br/noticias/ieclb-ha-30-anos-ordenando-mulheres/>. Acessado em: 22/11/2025.

Ordenação Feminina nas Igrejas: <https://aliancaevangelica.org.br-a-lideranca-feminina-na-experiencia-das-igrejas-locais-e-tema-da-proxima-live-de-dialogos-de-esperanca/>. Acessado em: 22/11/2025.

Ordenação Feminina nas Igrejas Batistas no Brasil: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/batistas-abrem-espaco-para-que-mulheres-sejam-bpastorasb.html/>. Acessado em: 22/11/2025.

Pequeno Dicionário Houaiss da língua portuguesa / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Organizadores; diretores Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2015.

REILY, Duncan Alexander. **Ministérios femininos em perspectiva histórica**. 2ª. ed. Campinas, CEBEP; São Bernardo do Campo: Editeo, 1997.

SILVA, Roberta Alexandrina. **Mulheres no cristianismo primitivo: poderosas e inspiradoras**. / Roberta Alexandrina da Silva; Pedro Paulo Abreu Funari; Claudio Umpierre Carlan (org.). São Paulo: Fonte Editorial, 2022.